

EPISTEMOLOGÍA DE LA ADMINISTRACIÓN Y DISCIPLINAS ASOCIADAS:

Una visión
interdisciplinaria
y sociocrítica
de tendencias
en el siglo XXI

Ana Judith Paredes-Chacín
Carlos Ignacio Chávez-Ubillos
José Olivar Mosquera-Mosquera
María Carolina Rozo Chaves



EDITORA
ARTEMIS

2024

EPISTEMOLOGÍA DE LA ADMINISTRACIÓN Y DISCIPLINAS ASOCIADAS:

Una visión
interdisciplinaria
y sociocrítica
de tendencias
en el siglo XXI

Ana Judith Paredes-Chacín
Carlos Ignacio Chávez-Ubillos
José Olivar Mosquera-Mosquera
María Carolina Rozo Chaves



EDITORA
ARTEMIS

2024



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Autores	Prof. ^a Dr. ^a Ana Judith Paredes-Chacín Prof. Me. Carlos Ignacio Chávez Ubillos Prof. Me. José Olivar Mosquera-Mosquera Prof. ^a M. ^a María Carolina Roza Cháves speedmanstudio/123RF
Imagem da Capa	speedmanstudio/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México, México*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, *Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato, México*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, *Universidade de Brasília-DF, Brasil*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão, Brasil*
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, *Universidade Estadual do Ceará, Brasil*
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León, México*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo (USP), Brasil*
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima, Brasil*



Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal*, Canadá
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg*, Suécia
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha



Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del País Vasco, Espanha
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E64 Epistemología de la administración y disciplinas asociadas [livro eletrônico]: una Visión interdisciplinaria y sociocrítica de tendencias en el siglo XXI / Ana Judith Paredes-Chacin... [et al.]. – Curitiba, PR: Artemis, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-81701-21-5

DOI 10.37572/EdArt_190824215

1. Epistemologia. 2. Ciências econômicas. 3. Administração. I. Paredes-Chacin, Ana Judith. II. Chávez-Ubillus, Carlos Ignacio. III. Mosquera-Mosquera, José Olivar. IV. Chaves, María Carolina Roza.

CDD 658.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

Una nueva oportunidad asume un equipo de trabajo quienes han considerado la importancia de generar valor al desarrollo de las *Ciencias Administrativas*, para lo cual resaltan aspectos determinantes que han marcado la diferencia en la evolución de una de las ciencias que, en el siglo XXI, ha permitido un desarrollo lógico y articulado en las organizaciones y por ende de la actividad económica y empresarial. Diferentes han sido las teorías que rigen el saber y la aplicación de la economía, administración y la disciplina contable, promovidas por precursores, como: Karl Marx; Adam Smith; David Ricardo; Alfred Marshall; Milton Friedman; como también Frederick Taylor; Henry Fayol; Elton Mayo; Max Weber; Peter Drucker; Paul Lawrence y Jay Lorsh, sumado a los enfoques contables impulsados por Hendriksen; Chatfield; Cañibano y Angulo; Tua Pereda y Laya, como otros autores con aportes vigentes para la fecha, que durante diferentes épocas han logrado, desde el contexto de las ciencias sociales, transmitir como un saber humano para sensibilizar e impulsar la consolidación de organizaciones enmarcadas en la eficiencia, eficacia y efectividad.

Hacer referencia sobre los aportes de los principales precursores de las ciencias, sus disciplinas y tendencias descritas, se plantean desde la perspectiva de los autores quienes asumen la responsabilidad de cada capítulo desarrollado, y de las formas de promover diálogos, cuyos efectos se proyecten en la educación superior y favorezcan la evolución de esta área del conocimiento. Es así, como los referidos diálogos se presentan de forma sistemática y bajo principios éticos, que permitan profundizar sobre los significativos aportes de las escuelas, modelos y por ende los precursores antes mencionados.

Al respecto, la alineación que determina la esencia entre las ciencias económicas y la administración, sumado a las disciplinas como la contabilidad, se convierten en acciones con alta incidencia en el comportamiento socio organizacional. Como tal, fundamentan las bases para planear y proyectar la trascendencia de ideas hacia la consolidación de organizaciones que respondan al dinamismo del siglo XXI. Este centrado en una visión sostenible, de gobernanza y asertiva responsabilidad social, previstos como parte de los componentes que permiten dar respuesta a realidades contextuales y su práctica sea socializada en el ámbito de las instituciones educativas a través de sus procesos de enseñanza-aprendizaje.

Proceso considerado estratégico para la proyección del ejercicio profesional, el cual requiere de la adopción de importantes transformaciones, impulsadas por los avances en desarrollos de las tecnologías de información y comunicación (TIC) y como eje transversal la ética, que ha de instaurarse en la gestión de las organizaciones, como también promueva su incidencia en el ejercicio de la administración como de sus disciplinas. Lo descrito, se considera como acciones necesarias y direccionadas a

dar repuestas a la interrogante ¿Que aporte le otorga comprender la epistemología y evolución de las ciencias económicas, administrativas y sus disciplinas en las dinámicas de las denominadas organizaciones del siglo XXI? Parte de su respuesta se asocia con las formas de promover desde las ciencias que se estudian el desarrollo de las inteligencias organizacionales mediadas por las TIC. En tal sentido, los aportes de cada capítulo se basan en el discurso argumentativo e interrelacionado de los temas desarrollados por las autoras y autores de esta obra, según se describen:

Capítulo I, sobre el enfoque epistemológico de las ciencias económicas y su aporte en la administración, como también los campos de análisis de la economía. Este concebido, desde la microeconomía y la macroeconomía. En el mismo orden, se hace énfasis sobre el análisis basado en los enfoques teóricos y las escuelas que rigen el pensamiento económico. Planteamiento que permite desde la perspectiva del autor, hacer referencia sobre el empresario y la organización desde la visión de enfoques y teorías del pensamiento económico.

Capítulo II, se consolida en el marco del enfoque epistemológico de la administración desde la mirada de su comprensión y prácticas asociadas a las dinámicas del siglo XXI. Para su fundamentación, la autora centra su análisis en las corrientes epistemológicas de la administración basado en los principales enfoques y teorías sociocrítica expuestas por los precursores de la administración. La mirada de la epistemología y la evolución de histórica de las tendencias de la administración determinada por sus aportes e interrelaciones temáticas en el contexto del siglo XXI. De esta forma, se evidencian reflexiones finales, que hacen de la administración una ciencia y sus implicaciones en la práctica educativa y organizacional.

Capítulo III, enfoque epistemológico de la disciplina contable, fue priorizada dada la experticia del autor, quien inicia bajo un enfoque conceptual sobre el desarrollo de la contabilidad, para sustentar la evolución del pensamiento contable. A su vez, resalta la epistemología de la disciplina contable, así como su evolución considerada por diferentes autores como estratégica para responder a las exigencias de las organizaciones en las últimas décadas.

Capítulo IV, avances sobre las ciencias económicas y la administración desde una mirada ontológica, permite generar un espacio de conocimiento basado en fundamentos ontológicos que parten de la teoría económica: valor, utilidad y producción. El referido análisis ontológico, permitió el avance de contenidos centrados en los modelos económicos que han evolucionado históricamente y a su vez, han generado importantes aportes a la gestión que se conciben desde el ámbito diferenciador de organizaciones y empresas.

No cabe duda que la valoración de los contenidos expuestos y la capacidad argumentativa e interpretativa sobre estos, se presenta en el marco de un pensamiento

reflexivo, direccionado de forma prescriptiva, que conlleva al fortalecimiento permanente de los fundamentos que sustentan las ciencias administrativas. Por ende comprender y desarrollar desde los programas educativos los enfoques teóricos, técnicas, como también modelos gerenciales, se convierten en el siglo XXI en las principales bases para transformar conductas humanas, que hacen de la organización un sistema basado en una arquitectura funcional, operativa y sostenible, que prevé renovadas formas de incentivar la excelencia de una gestión competitiva, como trascendental, la cual se proyecta en entornos organizacionales de sociedades pluralistas que participan en mercados de orden global.

Sobre lo expuesto, el bienestar socio-organizacional promovido por los precursores de las ciencias y disciplina estudiadas, se afianzan y renuevan desde la interdisciplinariedad y transversalidad de otras áreas del conocimiento, cuya asertiva divulgación genera una plataforma de reconocimiento distintivo en las organizaciones y por ende en los negocios. Razón por la cual, socializar con sentido ético y desde la experticia de los autores y autoras los contenidos representados en cada capítulo, permite valorar los aportes en el marco de la universalidad del conocimiento asociada con las ciencias económicas, administrativas y sus disciplinas, las cuales fundamentan las bases para el desarrollo protagónico de las organizaciones.

Ana Judith Paredes-Chacín

SUMÁRIO

FUNDAMENTACIÓN METODOLÓGICA DE LOS CAPÍTULOS..... 1

Ana Judith Paredes-Chacín

TIPO DE INVESTIGACIÓN 1

DISEÑO Y ENFOQUE METODOLÓGICO.....2

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS PARA LA RECOLECCIÓN Y GESTIÓN DE LA
INFORMACIÓN3

CAPÍTULO 1..... 5

ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO DE LA CIENCIAS ECONÓMICAS

Carlos Ignacio Chávez-Ubillus



https://doi.org/10.37572/EdArt_1908242151

RESUMEN.....5

1 EPISTEMOLOGÍA DE LAS CIENCIAS ECONÓMICAS Y SU APORTE PARA LA
ADMINISTRACIÓN6

2 CAMPOS DE ANÁLISIS DE LA ECONOMÍA: LA MICROECONOMÍA Y LA
MACROECONOMÍA8

2.1 El análisis microeconómico9

2.2 Principales tópicos de análisis en la macroeconomía 10

3 ESCUELAS DE PENSAMIENTO ECONÓMICO 10

4 EL EMPRESARIO Y LA ORGANIZACIÓN EN LAS ESCUELAS DE PENSAMIENTO
ECONÓMICO..... 13

5 CONCLUSIONES 15

REFERENCIAS 15



CAPÍTULO 2.....17

ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO DE LA ADMINISTRACIÓN: UNA MIRADA DE SU
EVOLUCIÓN Y PRÁCTICA EN EL SIGLO XXI

Ana Judith Paredes-Chacín



https://doi.org/10.37572/EdArt_1908242152

RESUMEN.....	17
1 INTRODUCCIÓN	18
2 CORRIENTES EPISTEMOLÓGICAS DE LA ADMINISTRACIÓN: ENFOQUES Y TEORÍAS	19
3 TENDENCIAS DE LAS CIENCIAS ADMINISTRATIVAS EN EL SIGLO XXI	24
4 REFLEXIONES FINALES: ADMINISTRACIÓN COMO CIENCIA Y SUS IMPLICACIONES EN LA PRÁCTICA EDUCATIVA Y ORGANIZACIONAL	27
REFERENCIAS	29
CAPÍTULO 3.....	31
ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO DE LA DISCIPLINA CONTABLE	
José Olivar Mosquera-Mosquera	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_1908242153	
RESUMEN.....	31
1 EVOLUCIÓN DEL PENSAMIENTO CONTABLE	32
2 EPISTEMOLOGÍA DE LA DISCIPLINA CONTABLE.....	36
3 DISCIPLINA CONTABLE DESDE UNA VISIÓN DE PROYECCIÓN Y TRASFORMACIÓN	39
4 CONCLUSIONES	42
REFERENCIAS.....	42
CAPÍTULO 4.....	45
VISIÓN ONTOLOGICA DE LAS CIENCIAS ECONOMICAS Y LA ADMINISTRACIÓN	
María Carolina Roza Chaves	
 https://doi.org/10.37572/EdArt_1908242154	
RESUMEN.....	45
1 INTRODUCCIÓN	45
2 FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS DE LAS CIENCIAS ECONÓMICAS.....	47
3 LA ONTOLOGÍA EN EL MARCO DE LAS TEORÍAS ECONÓMICAS: VALOR, UTILIDAD Y PRODUCCIÓN	49

4 ANÁLISIS ONTOLÓGICO DE MODELOS ECONÓMICOS EN DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS	51
5 ONTOLOGÍA DE LA ADMINISTRACIÓN: ENFOQUE DESDE SU GESTIÓN	54
6 ORGANIZACIÓN Y EMPRESA DESDE LA ONTOLOGÍA.....	57
7 CONCLUSIÓN	60
REFERENCIAS.....	61
SOBRE LOS AUTORES	63
ÍNDICE REMISSIVO	64

FUNDAMENTACIÓN METODOLÓGICA DE LOS CAPÍTULOS

Ana Judith Paredes-Chacín

Facultad de Administración

Universidad Autónoma de Occidente

Cali, Colombia

<https://orcid.org/0000-0001-6612-8486>

La relevancia otorgada a los estudios epistemológicos considerados como base para la reflexión, el desarrollo y fundamentación de las ciencias, ha quedado evidenciada en diferentes décadas. El comprender la naturaleza de los conocimientos y las formas de su producción, como también las verdades o falsedades de las diversas teorías que lo sustentan, son consideradas como base para el análisis de fenómenos, métodos y generación prospectiva de la producción de conocimientos que promuevan nuevos desarrollos científicos. En tal sentido, apostar por una epistemología renovada permite el considerar como hacer ciencia en las condiciones o situaciones concretas de la práctica científica (Brunet & Morell, 2001).

Consideración que forman parte del arte de generar aportes a las ciencias y disciplinas que las determinan. Es así, como la fundamentación metodológica, se concibe

desde una visión integral, que sustenta los aportes y desarrollos de contenidos presentados en cada capítulo. Su finalidad se centra, en comprender desde el método la rigurosidad y fundamentación de cada una de las páginas consolidadas. La puesta en práctica sobre el tipo de investigación, diseño, enfoques, técnicas e instrumentos fueron aplicados para avanzar de forma articulada y sistemática el contenido de esta obra, por lo que se especifican sus alcances:

TIPO DE INVESTIGACIÓN

Centrada en el análisis descriptivo y documental, mediante la cual se logra desde el contexto de las ciencias económicas, administración y sus disciplinas profundizar de forma analítica sobre los orígenes y evolución de estas ciencias. Las acciones emprendidas para responder al tipo de investigación, se sustentan: 1) en el análisis crítico-argumentativo de las teorías, las cuáles se presentan en las matrices de análisis diseñadas (análisis teórico-conceptual) y 2) en la sistematización de contenidos que se interrelacionan de acuerdo con la estructura de los capítulos desarrollados. De esta forma,

se representan los enfoques teóricos de las diferentes escuelas, como de sus precursores y sus puesta en práctica (análisis teórico-práctico).

Desde la perspectiva documental, fue considerado en fase inicial criterios de selección de las fuentes de información, y prioridades ante la pertinencia de las ediciones bibliográficas según autores, hoy reconocidos como precursores de las ciencias objeto de estudio. Según Paredes-Chacín y Hoyos- Giraldo (2023) el análisis documental se fundamenta en la construcción de un diseño de sistemas de teorías que responden a las variables que se estudian, lo cual fundamenta la coherencia e interrelación de los componentes analizados. A partir de lo descrito, se avanzó desde una visión reflexiva e interpretativa sobre el objeto, fin y método de las ciencias estudiadas, lo cual responde a las bases epistemológicas y ontológica de la economía y la administración. Esta fase del proceso metodológico, permitió afianzar la visión de complementariedad entre las ciencias y su práctica desde la transversalidad sociocrítica de los contextos de aplicación.

Ante lo expuesto, se suma la perspectiva heurística, como parte de la fundamentación sobre el desarrollo de contenido alcanzado. Su concepción se sustenta en la capacidad de concreción conceptual y de sustentación de estrategias, cuya puesta en práctica prevén la dinamización de las organizaciones. Sumado a la generación de valor ante las tendencias, enfoques y formas de considerar su proyección, en el caso de la administración, desde una visión propositiva. De igual forma, presentar aspectos concluyentes o reflexivos, parte del análisis contextual y la experticia de los autores, para renovar categorías cognitivas y prácticas, que dan paso a nuevas dinámicas y realidades en el marco de las ciencias económicas y administrativas.

DISEÑO Y ENFOQUE METODOLÓGICO

La naturaleza de los estudios epistemológicos sobre las variables que se analizan esta precedido por un diseño no experimental, sustentado en función del alcance y el direccionamiento del estudio, estructura, capacidad de sistematización sobre la recolección, organización y análisis de los datos, lo cual amerita procesos de validación y generación de valor para alcanzar los resultados esperado, lo cual permite viabilizar el desarrollo del enfoque y la pluralidad del corpus de la obra.

Asimismo, se desarrolla bajo un enfoque cualitativo el cual, se fundamenta en la capacidad interpretativa de los contenidos sobre los fuentes de información consultadas. Este enfoque responde a una aproximación que intenta ordenar de forma dialéctica el modo en que los investigadores, se aproximan a la realidad (Cohen et al., 2018). Igual se considera que la elección del diseño, los métodos de recolección de datos y las

estrategias de muestreo y análisis, dependen no solo, de los propósitos del estudio y de las preguntas planteadas, sino de lo que parece rendir los mejores dividendos sobre los recursos disponibles (Herrera et al., 2015).

En el mismo orden, se menciona la aplicación del método deductivo (Hammersley, 2023), que permitió profundizar desde la generalidad de los conocimientos asociados a las variables del estudio, hasta su especificidad en pro de promover las bases para aportar a la proyección de la investigación – producción - gestión – transferencia - socialización de conocimiento previa selección de las técnicas e instrumentos.

TÉCNICAS E INSTRUMENTOS PARA LA RECOLECCIÓN Y GESTIÓN DE LA INFORMACIÓN

La selección la técnica se basó en una visión multifuncional sobre el alcance temático y fenómenos de estudio de la economía y la administración. Como tal, la técnica se basó en la revisión documental hemerográfica y bibliográfica disponibles en formatos impresos y digitales. En cuanto a los instrumentos para la recolección de datos, se procedió con la identificación de los datos para obtener información que se registran en Tabla 1.

Tabla 1. Matriz de datos para la recuperación de la información impresa y digital.

Variables	Indicadores /Palabras clave	Criterios para la selección (Recursos impresos y en digital)
Economía	“ciencias económicas”; “precursores de la economía”; “teorías económicas”; “escuelas de la economía”; “valor precio, utilidad”	<i>Impresos:</i> <ul style="list-style-type: none"> - Colecciones bibliográficas de uso personal de los investigadores. - Búsquedas en catálogos y estanterías.
Administración	“ciencias de la administración”; “evolución histórica de la administración”, “principales escuelas y teorías administrativas”; “aportes y precursores de la administración”, “estudios ontológicos”	<i>Digitales:</i> <ul style="list-style-type: none"> - Bases de datos Scopus, Redalyc. - Rigurosidad del método.
Contabilidad	“disciplina contable”; “principales precursores”; “aportes disciplina contable”, “enfoques teóricos de la contabilidad”;	<ul style="list-style-type: none"> - Sin limitaciones sobre origen geográfico de los contenidos: Europa, Asia, Oceanía, África y América.
Tendencias de la administración	“sostenibilidad;” “dimensiones sostenible”; “prácticas sostenible”; “gestión organizacional”; “tecnologías de información” “inteligencia artificial”; “aportes de tendencias en organizaciones;” “proyección de la ciencia administrativa;” “administración en el siglo XXI”.	<ul style="list-style-type: none"> - Búsquedas cronológicas ascendentes y descendentes. - Uso de operadores Booleanos para la recuperación de información

Con respecto al procesamiento de datos, los desarrollos de cada capítulo fueron fundamentados desde el análisis crítico, interpretativo de la información registrada en matrices de análisis de contenido, utilizadas para el registro y compilación preliminar de la información. Su práctica, permitió generar aportes sobre los enfoques teóricos y obtener aspectos concluyentes sobre los hallazgos obtenidos (Ponce & Pagán-Maldonado, 2015). De esta forma, los resultados consolidados en el marco de una visión constructivista, facilitó comprender según convicción de los autores, que el conocimiento sobre esta ciencias responde a procesos dinámicas que ameritan interacciones lógicas, cuyos resultados muestren capacidades de interpretación y renovación de aportes ante nuevas realidades. En consecuencia cada capítulo, se presentan bajo premisas de validez y confiabilidad dada la contrastación de realidades con los enfoques analizados.

En líneas generales, la generación de valor y la construcción de conocimientos, se consolida a partir de procesos de investigación consensuados por una comunidad de conocimiento, que aporta al desarrollo programático de los estudios sobre las ciencias administrativas y permite dar respuestas a las transformaciones socio organizacionales y de negocios que se proyectan en un orden global.

REFERENCIAS

Brunet Icart, I., & Morell Blanch, A. (2001). Epistemología y cibernética. *Papers. Revista de Sociologia*, 65, 31. <https://doi.org/10.5565/rev/papers/v65n0.1705>

Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research Methods in Education*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203029053>

Hammersley, M. (2023). Rewriting Social Science: The Literary Turn in Qualitative Research. *Qualitative Inquiry*, 30(6), 533–540. <https://doi.org/10.1177/10778004231165981>

Herrera, J., Guevara, G., y Munster de la Rosa, H. (2015). Los diseños y estrategias para los estudios cualitativos. Un acercamiento teóricometodológico. *Gaceta Médica Espirituana*, 17, 2. <http://scielo.sld.cu/pdf/gme/v17n2/GME13215.pdf>

Paredes Chacín, A. J., & Hoyos Giraldo, F. A. (2023). GESTIÓN DE CONOCIMIENTO E INNOVACIÓN SOSTENIBLE COMO BASE DEL ECOSISTEMA QUE FORTALECE LAS PEQUEÑAS Y MEDIANAS EMPRESAS. *Ciência e Tecnologia Para o Desenvolvimento Ambiental, Cultural e Socioeconômico IV*, 1–25. https://doi.org/10.37572/edart_3011231161

Ponce, O. A., & Pagán-Maldonado, N. (2022). Educational Research in an Era of Ethics in Scientific Research. *Introduction to the Philosophy of Educational Research*, 117–124. <https://doi.org/10.1201/9781003338697-9>

CAPÍTULO 1

ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO DE LA CIENCIAS ECONÓMICAS

Carlos Ignacio Chávez-Ubillus

Facultad de Administración
Universidad Autónoma de Occidente
Cali, Colombia

<https://orcid.org/0009-0002-2973-9047>

PALABRAS CLAVE: Método científico. Teoría del valor. Economía del comportamiento. Teoría microeconómica. Agentes económicos. Empresario. Empresa.

EPISTEMOLOGICAL APPROACH TO ECONOMICS

RESUMEN

La economía como ciencia ha presentado una dinámica evolución basada en el método científico que valida los conocimientos generados por ella y en los axiomas de los que se parte. Las discusiones alrededor de los objetivos de estudio de la ciencia económica han venido cambiando, pasando por la teoría del valor de la economía clásica, la teoría subjetiva del valor propia de la escuela neoclásica hasta los desarrollos de la economía del comportamiento que involucra elementos desde la psicología. Cada acercamiento entre los distintos autores en el método usado como en su objetivo de estudio da origen a las diversas escuelas de pensamiento económico, a su vez los mismos conceptos formados desde la teoría microeconómica nutren la teoría macroeconómica haciéndola evolucionar con la aparición de nuevas conexiones entre la conducta económica de los agentes y los agregados económicos. Dentro de estos objetivos de estudio destaca el papel del empresario y la empresa como agentes económicos cuya conducta juega un papel principal en las decisiones de la organización.

ABSTRACT

Economics as a science has undergone a dynamic evolution based on the scientific method, which validates the knowledge it generates and the axioms from which it starts. Discussions around the objectives of economic science have evolved, ranging from the classical economic theory of value, the subjective theory of value of the neoclassical school, to the developments in behavioral economics that involve elements from psychology. Each approach by different authors in both the methods used and their study objectives gives rise to various schools of economic thought. In turn, the same concepts formed from microeconomic theory nourish macroeconomic theory, causing it to evolve with the emergence of new connections between the economic behavior of agents and economic aggregates. Among these study objectives, the role of the entrepreneur and the firm as economic agents stands out, whose behavior plays a principal role in organizational decision-making.

KEYWORDS: Scientific method. Theory of value. Behavioral economics. Microeconomic theory. Economic agents. Entrepreneur. Firm.

1 EPISTEMOLOGÍA DE LAS CIENCIAS ECONÓMICAS Y SU APOORTE PARA LA ADMINISTRACIÓN

La epistemología de las ciencias se encarga de establecer los fundamentos y el método del conocimiento científico, involucrando en su reflexión diversos factores como los históricos, sociales, psicológicos que puedan dar soporte al proceso en el cual se va edificando el conocimiento, la justificación del mismo y la veracidad. La epistemología de las ciencias responde a interrogantes como:

¿A qué le llamamos conocimiento científico?, ¿El conocimiento debe provenir de la experiencia o de la razón?, ¿Cómo se demuestra que el entendimiento del conocimiento generado es verdad?

Responder estas interrogantes con base argumentativa constituye las condiciones de producción y de validación del conocimiento científico. Al respecto, desde la antigüedad filósofos como Aristóteles. (c. 350 a.C.), emitieron las primeras posturas sobre la reflexión del origen del conocimiento, por ejemplo, Aristóteles proponía que el conocimiento provenía de la experiencia que se adquiría por medio de la sensibilidad, por su parte Platón (c. 380 a.C.) consideraba que el conocimiento provenía de las ideas. Durante el renacimiento y la edad moderna los métodos epistemológicos dominantes se basaban en el análisis y síntesis de los fenómenos que se podían percibir a través de la experiencia humana, destacándose el trabajo de Locke, J. (1689).

Dentro del conocimiento científico, las distintas disciplinas han tendido diversas orientaciones epistemológicas, metodológicas y ontológicas dominantes, en el caso de la economía y su ejercicio han enfrentado diferentes desafíos y transformaciones, que permiten considerar a esta disciplina como ciencia, muchos de ellos derivados del neopositivismo lógico del círculo de viena¹ y el estructuralismo². El neopositivismo lógico es considerado la escuela epistemológica de mayor influencia a nivel teórico y que da soporte al modelo económico neoclásico.

Por ejemplo, del modelo económico neoclásico se deriva que los principios económicos son supuestos axiomáticos³ que no tienen su origen en ninguna teoría filosófica y por la cual, se aceptan, por la utilidad práctica, este tipo de conclusiones se evidencia en el trabajo de Friedman, M. (1953). Tal vez la principal pugna en la ciencia

¹ Movimiento surgido en Austria 1922 que se ocupó de la lógica de la ciencia considerando la filosofía como una disciplina encargada de distinguir entre lo que es ciencia de lo que no y de la elaboración de un lenguaje común a todas las ciencias.

² El estructuralismo es una metodología aplicada en las ciencias sociales que consiste en estudiar los fenómenos que les suceden a los individuos de una determinada comunidad y ello, en función de las estructuras a las que esta sometidos como, por ejemplo, el sistema económico.

³ Los axiomas se consideran proposiciones claras y evidentes que no requieren demostración.

económica se encuentra entre una visión levemente positivista donde se critica la excesiva dependencia de los modelos matemáticos y supuestos poco realistas evidenciada en la obra de Keynes, J. M. (1936) y el positivismo estricto con una fuerte contribución de modelos matemáticos y supuestos poco realistas Friedman, M. (1953) y el estructuralismo económico abordado por Prebisch, R (1949) quien centra su postura analítica en las estructuras subyacentes en la economía de un país y cómo estas estructuras influyen en su desarrollo económico.

El racionalismo crítico define una visión del conocimiento científico en la cual, es necesario presuponer ciertas condiciones en el mundo y en nuestro acceso cognitivo a él. El conocimiento científico de esta manera se adquiere por medio de identificación mental que se debe entender como una serie de principios generales, a partir de los cuales se deducen sus instancias particulares. En el caso de la economía el axioma de la racionalidad económica inherente a los individuos, la mano invisible⁴ planteada por Smith, A. (1776).

De la corriente económica dominante (economía neoclásica) se destaca la fuerte tendencia del positivismo del cual se toma la idea de que mediante la observación es posible identificar las leyes que gobiernan una determinada realidad. Se intenta de este modo inferir un esquema que, una vez aislado, lo explique todo, por ejemplo, la maximización del beneficio de una empresa o de la utilidad del consumo de un individuo, una vez expuesta la lógica de esta construcción se generaliza para el resto.

Del positivismo, la economía adopta un carácter más instrumental en su lenguaje mediante el uso de la lógica matemática, en esta etapa de la evolución de la economía como ciencia, se resalta la necesidad de desmarcarse de disciplinas donde la matemática no es el lenguaje, cobran importancia los desarrollos formales de la teoría del productor y del consumidor en la economía, así como del estudio de la macroeconomía.

La necesidad de establecer un marco teórico acorde con los requerimientos metodológicos y epistemológicos del racionalismo y positivismo lógico, donde los distintos postulados que contemplan la asignación eficiente de los recursos tengan un soporte cuantitativo, significó el surgimiento de la revolución marginalista⁵, es por ello que la teoría económica neoclásica adopta la matemática como el lenguaje con el que se

⁴ La mano invisible es la manera metafórica con la que el histórico economista Adam Smith se refirió a la capacidad de autorregulación que tiene intrínseco el libre mercado, según sus teorías y estudios sostiene que la libre competencia es la mejor manera de funcionar de la economía, ya que las posibles contradicciones y problemas sistemáticos que las leyes del mercado crean pueden tener solución por “la mano invisible” del sistema, esto se daría gracia al mecanismo de oferta y demanda del mercado.

⁵ El marginalismo es una escuela de pensamiento económico que surge a mediados del siglo XIX como respuesta a la escuela clásica y la teoría del valor trabajo, en su lugar propone el análisis del valor a partir de la utilidad marginal decreciente.

expresan los modelos, en este punto, los teóricos de la economía neoclásica toman una posición en la cual, se considera que las hipótesis construidas acerca de las conductas humanas son matematizables, y los fenómenos económicos generados a partir de estas conductas también lo son.

Las referidas hipótesis son: a) la racionalidad económica de los individuos, esto se traduce en que siempre los agentes económicos buscan maximizar la utilidad b) el interés propio como motor de las acciones y decisiones, por lo tanto, los agentes económicos obran según su interés individual c) el individualismo metodológico.⁶

En la ciencia económica, la observación va a encontrarse mediatizada por la aplicación sistemática de un reduccionismo de origen racionalista. Como consecuencia del mismo, se termina por ver la realidad a partir de la definición de una unidad elemental de análisis (el individuo denominado agente económico en el mercado o el átomo en la física) y un principio universal de interacción entre estas unidades que consiste en la racionalidad económica de los agentes.

Por el lado del pensamiento estructuralista, el enfoque va hacia el análisis de fenómenos que involucran unidades que conforman como tal, toda una estructura, como por ejemplo la empresa y los individuos como unidades que están inmersos en ella, o el mismo mercado, como también los agentes económicos que lo componen e interactúan en entre este.

2 CAMPOS DE ANÁLISIS DE LA ECONOMÍA: LA MICROECONOMÍA Y LA MACROECONOMÍA

El desarrollo del pensamiento económico a la par de los requerimientos metodológicos y epistemológicos del racionalismo y positivismo lógico, convergen hacia postulados para explicar la asignación eficiente de los recursos que hacen los distintos tipos de agentes. Con este enfoque toma fuerza el sustento cuantitativo de los postulados, los diversos autores que contribuyen a explicar de esta manera los fenómenos económicos pertenecen a la escuela neoclásica y marginalista que se fortaleció en el siglo XIX y que dan origen al análisis micro-económico de la teoría económica. Sus principales teóricos son: Jevons, S. (1871), Menger, C. (1871), Walras, L. (1874-1877), y Marshall, A. (1890).

Aunque se debe tener en cuenta que economistas como Adam Smith, Ricardo, D. (1817), Say, J. B. (1803) y Mill, J. S. (1848) abrieron el camino en la estructuración de las bases del análisis microeconómico, es por esta razón que estos últimos son conocidos como los economistas clásicos. El punto de partida de la economía neoclásica y que a su

⁶ El individualismo metodológico es una posición epistemológica desde la cual se argumenta que todos los fenómenos y estructuras sociales se explican por las decisiones de los individuos.

vez es el rompimiento con diversos puntos de vista de los economistas clásicos se basó en la explicación del valor de los bienes desde una concepción de la psicología individual, por lo tanto, es una valoración netamente subjetiva. Este tipo de análisis son el inicio de la teoría microeconómica moderna.

2.1 EL ANÁLISIS MICROECONÓMICO

Este se puede dividir a través de las teorías centradas en:

- Teoría el consumidor, plantea la lógica de las decisiones de consumo desde la perspectiva del agente económico que compra los bienes y servicios, se analizan sus decisiones, sus preferencias y la posible predicción del consumo de los individuos partiendo de la idea que el consumidor desea satisfacer sus necesidades y busca maximizar la utilidad que obtiene al consumir.
- Teoría de la demanda, prevalece el deseo de un individuo o varios individuos por el consumo, se involucran los determinantes que afectan el consumo o inciten al consumo por un bien o servicio.
- Teoría del productor, resalta la toma de decisiones en la planificación de la producción teniendo como objetivo siempre la asignación eficiente de los recursos en el proceso productivo, para el logro de este objetivo se deben entonces conocer los comportamientos de los costos, la producción que permitan lograr el máximo beneficio.
- Teoría del equilibrio general, se considera en el marco de varios mercados que involucran el comportamiento de la producción, el consumo y los precios manteniendo siempre la premisa de la asignación eficiente de los recursos en cada uno de los mercados.
- Teoría del mercado de los activos financieros, considera los mecanismos de intercambio de activos financieros que hacen los agentes económicos. Este tipo de intercambios tiene sentido, si el propósito del consumo, no es la utilización inmediata del bien, si no su aplazamiento. Este aplazamiento está justificado para los agentes, al relacionarse con aumentos de capital, transferencia de riesgos o incentivos que justifique el aplazamiento del consumo presente.

Por su parte la macroeconomía, permite el análisis de los indicadores económicos globales. Es así, como representa una aproximación al análisis de carácter agregado de la economía. Asimismo, no involucra análisis, predicción y tomas de decisión de conductas individuales. La macroeconomía, aparece con mucha fuerza como un área de estudio

dentro de la economía con la publicación de la teoría general sobre el empleo, el interés y el dinero del economista británico Keynes, J. M. (1936).

2.2 PRINCIPALES TÓPICOS DE ANÁLISIS EN LA MACROECONOMÍA

La macroeconomía asociada con el crecimiento económico, permite el análisis de los factores que determinan el desarrollo de la producción o renta agregada de la economía en el largo plazo. La determinación de la renta en el corto plazo, también es objeto de estudio de la macroeconomía, al igual que, los principales agregados económicos, su interacción y la manera como el planificador central diseña y ejecuta políticas tendientes a lograr el equilibrio macroeconómico, esta última parte, es lo que se conoce como política macroeconómica. Es así, como el mercado laboral (empleo y desempleo) destaca uno de los principales problemas de la economía, el desempleo sus causas, su medición y comprensión del fenómeno para el diseño de mecanismos que permitan disminuir su incidencia en el ciclo económico.⁷⁷ Economía internacional, se centra en los fenómenos relacionados con el intercambio comercial entre distintas economías, no solo teniendo en cuenta los bienes y servicios, sino también el capital financiero en la economía internacional. Asimismo, se involucran los análisis relacionados con el diseño de política arancelaria y proteccionismo y los tipos de cambio.

Política macroeconómica (monetaria), relacionada con el mercado de dinero, instrumentos de control de los países para incidir en indicadores como, la inflación y el crecimiento de corto plazo, la incidencia de estas políticas sobre el tipo de cambio y, por tanto, en la balanza de pagos de una economía. La ciencia económica en su evolución es diversa, evolutiva e involucra áreas de pensamiento que le permitan esta evolución. Como tal, contiene una gran cantidad de escuelas y corrientes de pensamiento, la construcción del conocimiento en economía es irrigada por elementos de las ciencias, sociales, de las ciencias exactas y últimamente de la psicología en las indagaciones acerca del comportamiento económico de individuos y organizaciones denominada economía del comportamiento.

3 ESCUELAS DE PENSAMIENTO ECONÓMICO

Las escuelas del pensamiento económico o corriente de pensamiento económico, está constituida por un conjunto de ideas económicas. En general, las escuelas de pensamiento económico se centran en indicar, cuál es la forma en que la economía debería funcionar. Es decir, cómo se supone que debería ser la economía, las diversas teorías

⁷⁷ El ciclo económico se refiere a las variaciones o fluctuaciones de la producción de un país, estas fluctuaciones se repiten en el tiempo y consta de las fases de auge, recesión, expansión y depresión.

al interior de la ciencia económica se reclama a sí misma como universal y completa, capaz de dar cuenta de su objeto. Las diversas escuelas de pensamiento han compartido puntos en común respecto al objeto de estudio, así como puntos disruptivos, de esta manera podemos agrupar las más importantes, ver Tabla 1.

Tabla 1. Escuelas de pensamiento de la Economía.

ESCUELA	APORTES A LA TEORÍA ECONÓMICA	EXPONENTES	ÉPOCA
Escuela mercantilista	<ul style="list-style-type: none"> Defendían la intervención del Estado en la economía. Promoción del comercio internacional bajo la premisa de una balanza de pagos superavitaria. Inicio del proteccionismo económico en el comercio. La acumulación de capital es la base de la riqueza y prosperidad de las naciones. 	William Petty Tomás de Mercado	Siglo XVII y XVIII
Fisiocracia, Escuela clásica, Marxismo	<ul style="list-style-type: none"> Teoría del valor, el valor es generado exclusivamente por la producción agrícola. Defensa de la propiedad privada y el liberalismo económico (fisiocracia). Teoría del valor trabajo, concepto de plusvalía (Marx) Distinción entre valor de uso y de cambio (A. Smith). Liberalismo económico, los agentes económicos actúan buscando su propio bienestar y por tanto el mercado arroja los mejores resultados. (A Smith) 	Karl Marx Adam Smith David Ricardo	
Escuela austriaca, Escuela neoclásica	<ul style="list-style-type: none"> Individualismo metodológico, es decir los fenómenos sociales son explicados por acciones de los individuos. Teoría del valor subjetivo. Explicación de los ciclos económicos. (Escuela austriaca). Explicación de los precios y valor relativo de los bienes, concepto de utilidad marginal. Asignación óptima de los recursos, los agentes económicos son racionales. Promotora del libre comercio. Cobra importancia el rol de los agentes económicos como maximizadores del beneficio o la utilidad en escenarios de información completa. (Escuela Neoclásica) 	Escuela Austriaca Carl Menger Friedrich Hayek Ludwig Von Mises Escuela Neoclásica Alfred Marshall León Walras William Stanley William Jevons Vilfredo Pareto	1870-1920

Keynesianismo	<ul style="list-style-type: none"> • Inicio de la macroeconomía moderna, • Intervencionismo de Estado, importancia de la política económica (economía normativa). • Se promulga la demanda efectiva como generadora del crecimiento y la producción. • Se intenta explicar las causas de las crisis económicas. 	Jhon Maynard Keynes James Tobin Joan Robinson Piero Sraffa Michal Kalecki	1945-1970
Escuela de Chicago	<ul style="list-style-type: none"> • Rechaza las ideas Keynesianas, las crisis son consecuencia de la intervención inadecuada del Estado. • Partidaria de la economía de mercado. Al interior de la escuela de Chicago se desarrollan teorías como: teoría del consumo, Teoría de las expectativas racionales, teoría del capital humano, • Expandió el espectro de análisis económico a las leyes, el matrimonio, la esclavitud, cambios demográficos. 	Milton Friedman George Stigler Theodore Schultz Merton Miller Ronald Coase Gary Becker	1915-1940
Escuela institucionalista	<ul style="list-style-type: none"> • Son las instituciones sociales las que afectan el comportamiento económico. • Las relaciones de mercado son resultado de la interacción de las instituciones. • No presupone características universales la idea crucial es que las características concretas de las sociedades y las formas de organización económica varían considerablemente a lo largo del espacio y el tiempo. • Una característica clave para comprender la naturaleza social e histórica de la organización económica es identificar las instituciones sociales. 		

Fuente: Elaboración propia con base en: Escuelas económicas en el tiempo 2021. Historia del pensamiento económico: una línea en el tiempo UNAM.

La economía, más allá de que es una disciplina de estudio bastante joven desde que se la declaró formalmente como una ciencia a finales del siglo XVIII, presenta un cúmulo variado de postulados, autores, teorías, métodos y doctrinas que pueden ser transversales a los estudios de la organización, es por ello que las distintas universidades delimitan el estudio de esta disciplina tanto histórica, como metodológica y teóricamente tomando de ella el soporte pertinente a sus disciplinas.

Los puntos en común respecto al fenómeno que se pretende estudiar hace que se conforman distintas escuelas económicas. Por lo tanto, si el objetivo es dar soporte a estudios de la organización, la ciencia económica presenta una gran cantidad de teóricos, modelos y escuelas que soportan este tipo de objetivos de estudio.

4 EL EMPRESARIO Y LA ORGANIZACIÓN EN LAS ESCUELAS DE PENSAMIENTO ECONÓMICO

El empresario en la economía, desarrolla un rol fundamental en las organizaciones. Concepción que se destaca en la escuela clásica, desde el contexto de la revolución industrial. El enfoque de esta escuela comenzaba a construir sus conceptos del mercado, el valor, los individuos tomadores de decisiones y es en esta discusión donde el empresario, fue considerado como el capitalista o director de industria, que recibía una contribución, denominada beneficios, por otorgar su capacidad productiva al sistema económico.

Por su parte Say, J. B. (1803) diferencia entre el capitalista rentista del capitalista productivo, este último constituye los tomadores de decisiones, asumen riesgo con sus decisiones y dirigen los procesos productivos en la empresa, el empresario pasa de ser un factor productivo más a un combinado y administrador de los factores.

En la escuela neoclásica Marshall, A. (1890) introduce la concepción de los negocios en la empresa, por lo tanto, el empresario es el organizador de los negocios. Asimismo, destaca la importancia de la innovación y el progreso en el largo plazo como factores fundamentales de la empresa y la economía. Desde la perspectiva de Schumpeter, J. A. (1942), tanto la innovación como el empresario innovador hacen parte fundamental de los causantes del desarrollo económico, en la concepción de Schumpeter la innovación radica en los cambios que se hagan en la función de producción y por tanto se denominara empresa a las diversas combinaciones de factores productivos y empresarios a los encargados de dirigir dichas combinaciones.

En este orden, para los años sesenta, la escuela estructuralista desarrolla toda una teoría alrededor de la empresa y sus componentes y su incidencia en el marco de la teoría estructuralista. Los principales exponentes de pensamiento basaron estas ideas en cuatro elementos comunes, que presentan todas las empresas. Elementos que potencialmente, se relacionan con el comportamiento de estas y sus resultados en el mercado y objetivos. Así pues, se hace referencia sobre cuatro elementos:

- Comunicación
- Autoridad
- Estructura de comportamiento
- Estructura de formalización

La influencia de la referida escuela, permite explorar la manera en que influye el componente humano dentro de una empresa, basándose en los mencionados anteriormente. En este sentido, se investiga cómo las relaciones de autoridad, la comunicación, la burocracia y el exceso de normas, entre otros aspectos, impactan en el funcionamiento de la firma. Por otro lado, la nueva economía institucional también denominada neoinstitucionalismo económico⁸, surge en respuesta a la escuela neoclásica, esta no se preocupa tanto, por la modelización matemática más si por inferir teorías a partir de la observación de datos estadísticos. Se destaca en esta escuela, la importancia de la normatividad y reglas de juego como factores fundamentales en la toma de decisiones de los agentes económicos, estas reglas de juegos emanan precisamente de las instituciones que enmarcan el mercado.

La economía institucional fundamenta sus investigaciones en diversas disciplinas, entre las que se encuentran la economía, la psicología, la sociología o la antropología. Sobre el alcance del estudio de los institucionalistas, se considera que está basado en la extracción de conclusiones sobre cómo las instituciones sociales influyen, y consolidan, el comportamiento de los agentes económicos. Para la escuela institucionalista, las relaciones de mercado son un resultado de la interacción de las instituciones. Tanto el nombre, como sus principios, se remontan al año 1919; cuando Hamilton, W. H. (1919) publicó un artículo sobre estas relaciones en la *American Economic Review*.

Desde la visión de Hayek, F. A. (1944) uno de los principales representantes de la escuela austriaca, el empresario es el agente económico que está atento a las oportunidades que el mercado ofrece en condiciones de información imperfecta, el empresario coordina los distintos saberes de las actividades interdependientes de cada individuo de tal manera que se logre beneficiar a todos con la experiencia, saberes y actividades de las personas en la organización, por lo tanto su rol como organizador y planificador se destaca en la visión de Hayek.

A partir de lo expuesto, se destaca el rol del empresario como gerente de los distintos recursos y saberes, Williamson, O. E. (1975) enfatiza en que la empresa busca organizar las transacciones a menores costos de los que se logran en el mercado, de esta manera la empresa es una agente económico que efectúa un análisis beneficio costo; y que asigna los recursos considerando la lógica sobre: el tamaño de la empresa, como

⁸ El origen de la nueva economía institucional se remonta a 1937 Ronald Coase expuso en el artículo 'The Nature of the Firm' sobre el rol de las normas y de la estructura de las organizaciones en la asignación de precios. El neoinstitucionalismo informa que las reglas de juego que guían el comportamiento de los agentes en una sociedad son fundamentales para explicar su desempeño económico. A la vez, se trata de un conjunto de teorías que combinan las vertientes de una nueva microeconomía basada en los costos de transacción, una sección de derecho y economía, otra de teoría de la información, teoría de la elección pública, y una vertiente histórica, basada en el trabajo de Douglass North.

también, sus expansiones, lo cual tienen una relación directa con la diferencia positiva entre los beneficios adicionales y los costos adicionales.

Asimismo, Los costos de transacción cobran importancia en los aportes de Williamson, ya que son el eje central de su análisis. De esta forma, la lógica con la que la empresa organiza sus transacciones, está asociado con la posibilidad de minimizar los costos de transacción, lo cual permite considerar que el estudio de la organización o la empresa deben ocupar un lugar destacado en el análisis económico, mediante el modelaje del comportamiento de las organizaciones.

5 CONCLUSIONES

La epistemología de las ciencias económicas se ocupa de los fundamentos y métodos del conocimiento científico, considerando factores históricos, sociales y psicológicos que han aportado en el conocimiento económico. La epistemología de la economía evidencia una evolución significativa a través del método científico y los axiomas fundamentales. Este desarrollo posibilitó el surgimiento de diversas escuelas de pensamiento económico, desde la teoría del valor en la economía clásica hasta la economía del comportamiento que incorpora elementos psicológicos que han permitido fortalecer y ampliar el espectro de análisis de las conductas económicas tanto del consumidor como del empresario.

La economía como ciencia ha adoptado métodos matemáticos y lógicos para formalizar teorías, esta manera de abordar el conocimiento económico se fortalece en la revolución marginalista y la teoría neoclásica, lo que permitió una mayor precisión en el análisis de la conducta económica y poder abordar temas como la maximización de la utilidad y beneficios. Es a partir de esta revolución donde se profundiza en los estudios económicos de la empresa y el consumidor.

El rol del empresario en las decisiones económicas y en la organización de la empresa se aborda desde distintas perspectivas en las escuelas de pensamiento económico, destacando desde el capitalista productivo en la escuela clásica hasta el innovador en la perspectiva de Joseph Schumpeter. La teoría de la agencia y costos de transacción han contribuido en los desarrollos y la ampliación del espectro de análisis que la economía aborda en la organización.

REFERENCIAS

Aristóteles. (c. 350 a.C.). *Metafísica*.

Borgucci, E., & Castellano, A. (2016). La teoría económica y la epistemología. *Económicas CUC*, 37(1), 9-40. <https://doi.org/10.17981/econcuc.37.1-2016.01>

Buitrago, M. T., & Valencia Ramos, J. A. (2008). El empresario en el análisis económico: Características y funciones. *Ánfora*, 15(25), 337-348. [Fecha de consulta 13 de mayo de 2024]. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357834257016>

Friedman, M. (1953). The methodology of positive economics. In *Essays in Positive Economics*. University of Chicago Press.

Hamilton, W. H. (1919). The institutional approach to economic theory. *The Journal of Political Economy*.

Hayek, F. A. (1944). *The Road to Serfdom*. University of Chicago Press.

Hoevel, C. (2007). ¿Qué antropología es necesaria para una epistemología de la economía? *Revista de Cultura Económica*, (68), 47-58.

Huelva, D. (2005). La economía vista desde un ángulo epistemológico. De la economía a la economía política: Del estructuralismo a la complejidad. *Cinta Moebio*, 22, 19-45.

Jevons, S. (1871). *The Theory of Political Economy*. Macmillan and Co.

Keynes, J. M. (1936). *The General Theory of Employment, Interest, and Money*. Palgrave Macmillan.

Lawson, T. (2022). Whatever happened to neoclassical economics? *Revue de Philosophie Économique*, 22(1), 39-84.

Locke, J. (1689). *An Essay Concerning Human Understanding*.

Marshall, A. (1890). *Principles of Economics*. Macmillan and Co.

Menger, C. (1871). *Principles of Economics (Grundsätze der Volkswirtschaftslehre)*.

Prebisch, R. (1949). El desarrollo económico de América Latina y algunos de sus principales problemas. Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC).

Ricardo, D. (1817). *On the Principles of Political Economy and Taxation*. John Murray.

Romero, S. (2001). Historia del pensamiento económico: Una línea en el tiempo. *Cuadernos de trabajo UNAM*.

Say, J. B. (1803). *A Treatise on Political Economy (Traité d'économie politique)*.

Schumpeter, J. A. (1942). *Capitalism, Socialism, and Democracy*. Harper & Brothers.

Smith, A. (1776). *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. W. Strahan and T. Cadell.

Walras, L. (1874-1877). *Elements of Pure Economics (Éléments d'économie politique pure)*.

Weber, M. (1922). *Economy and Society (Wirtschaft und Gesellschaft)*.

Williamson, O. E. (1975). *Markets and Hierarchies: Analysis and Antitrust Implications*. The Free Press.

CAPÍTULO 2

ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO DE LA ADMINISTRACIÓN: UNA MIRADA DE SU EVOLUCIÓN Y PRÁCTICA EN EL SIGLO XXI

Ana Judith Paredes-Chacín

Facultad de Administración
Universidad Autónoma de Occidente
Cali, Colombia

<https://orcid.org/0000-0001-6612-8486>

RESUMEN

Resaltar los principales fundamentos teóricos que contribuyen a comprender el enfoque epistemológico y los paradigmas de la administración como ciencia, constituyen parte de los aportes de la investigación que se sustentan en la evolución de esta ciencia en el siglo XXI. Lo expuesto, permitió determinar los enfoques epistemológico de la administración desde la mirada de su evolución y práctica. El método parte de un paradigma socio-crítico e investigación documental-analítica a través de la cual, se profundiza sobre las implicaciones evolutivas de la administración centrada en la teoría, como en las tendencias gerenciales de este siglo. Los hallazgos muestran la incidencia de los fenómenos teóricos-prácticos en la formación educativa y en el desarrollo socio productivo de los mercados. Asimismo, se proyecta la influencia de la administración y su potencial para impulsar transformaciones en las organizaciones previo énfasis y contrastación de las teorías y paradigmas de esta ciencia. Se suma a lo expuesto, la importancia del dominio sobre tendencias cuya transversalidad de su aplicación, permite ser asociadas con otras ciencias y ejercicios profesionales. Las conclusiones, se convierten

en un referente para el efectivo ejercicio de la administración y su sustentación desde los espacios de la educación superior, lo cual se requiere para el diseño de programas académicos y de asignaturas que fortalecen las líneas de investigación que promueven la generación de valor y competitividad en los entornos socio productivos.

PALABRAS CLAVE: Epistemología. Administración. Ciencias administrativas. Gestión organizacional. Enseñanza-aprendizaje de la administración.

EPISTEMOLOGICAL APPROACH TO ADMINISTRATION A VIEW OF ITS UNDERSTANDING AND PRACTICE IN THE 21ST CENTURY

ABSTRACT

Highlighting the main theoretical foundations that contribute to understanding the epistemological approach and the paradigms of administration as a science constitute part of the research contributions that are based on the evolution of this science in the 21st century. The above made it possible to determine the epistemological approaches of administration from the perspective of its evolution and practice. The method is based on a socio-critical paradigm and documentary-analytical research through which the evolutionary implications of theory-centered administration are delved into, as well as the management trends of this century. The findings show the incidence of theoretical-practical phenomena

in educational training and in the socio-productive development of markets. Likewise, the influence of administration and its potential to promote transformations in organizations is projected after emphasizing and contrasting the theories and paradigms of this science. Added to the above is the importance of mastering trends whose transversality of application allows them to be associated with other sciences and professional exercises. The conclusions become a reference for the effective exercise of administration and its support from the spaces of higher education, which is required for the design of academic programs and subjects that strengthen the lines of research that promote the generation of value and competitiveness in socio-productive environments.

KEYWORDS: Epistemology. Administration. Administrative Sciences. Organizational management. Teaching-learning of administration.

1 INTRODUCCIÓN

Hacer referencia en el siglo XXI sobre la epistemología, principales precursores y evolución del pensamiento administrativo, se convierte en parte de la generación de valor que se promueve en el presente estudio, para responder a las dinámicas que rigen el mejoramiento continuo y la pertinencia sobre una de las ciencias sociales que impacta en entornos socio productivos, como lo es, la administración. Aspectos asociados con las formas de apropiarse y comprender la esencia de la administración, se consideran como prioridad en función de su incidencia transversal en diferentes áreas del conocimiento.

Desde una visión sistémica sobre los enfoques de las principales teorías, como: la teoría científica (*estructura*); teoría humana (*personas*); teoría de la contingencia (*ambiente*), teoría neoclásica (*objetivos y metas*); teoría de sistemas (*procesos*), han contribuido a dar paso a nuevos enfoques que afianzan en el siglo XXI el direccionamiento centrado en el desarrollo integral de las denominadas organizaciones inteligentes, sostenible y digitales, lo cual proyecta una renovada visión centrada en lo comparativo y lo distintivo de las organizaciones.

Ante lo expuesto, el referente sobre la epistemología de la administración como ciencia, se sustenta mediante un tipo de investigación documental-analítico, que permitió validar las implicaciones evolutivas de los fenómenos, teorías y procesos asociados con la enseñanza-aprendizaje, como su puesta en práctica. Igual se resaltan las tendencias asociadas con el objeto, fin y métodos de las ciencias administrativas a través de las cuales, se promueve el direccionamiento hacia la consolidación de las denominadas organizaciones inteligentes, sostenible y mediadas por procesos digitales, sumado al concepto de organizaciones humanas.

De esta forma, los aportes sobre las variables analizadas, constituyen parte de las tendencias administrativas que se presentan dado su énfasis en el siglo XXI, por lo cual generar espacios de disertación permiten viabilizar prácticas sobre los fundamentos de

la administración, convirtiéndose en uno de los retos que garantizan la efectividad de la arquitectura de las organizaciones y su ecosistema.

En este orden, la integralidad y el énfasis teórico conceptual, como los paradigmas de los precursores de la administración, permite dar respuesta al objetivo centrado en determinar los enfoques epistemológicos de la administración desde la mirada de su evolución y práctica. Este se sustenta en el marco de las transformaciones impulsadas por esta ciencia, entre las principales la denominada sociedad del conocimiento, las organizaciones sostenible, la cibersociedad y la diversidad de procesos asociados con la administración. Como también, los aportes de la mediación tecnológica, hasta llegar a una de las tendencias de impacto, como la digitalización y las incidencias de la inteligencia artificial (IA), sobre el contexto de las organizaciones-empresa y los entornos sociales.

Procesos que se consolidan generando valor, como riesgos. Este último vinculado desde la visión proyectada, sobre posible reemplazo de la mano de obra humana por tecnologías en diversos sectores de la economía. Consideraciones que al profundizar sobre el desarrollo sistemático de la ciencias administrativa, permite renovar los enfoques teóricos-tendencias y la razón de ser y de transformación de las organizaciones en el siglo XXI.

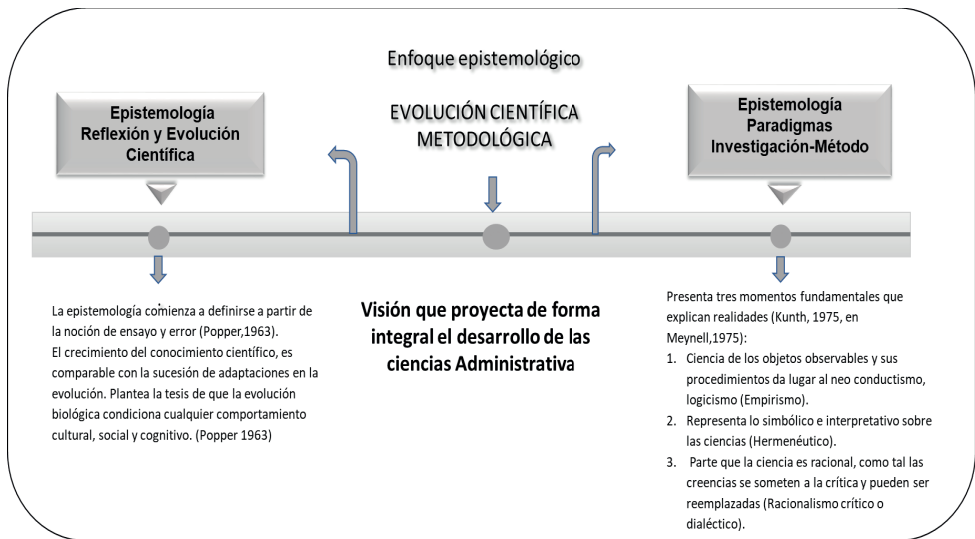
Lo expuesto permite ser analizado desde la argumentación y el análisis de las corrientes epistemológica de las ciencias administrativas, cuyos aportes se fundamentan en el desarrollo de matrices de relaciones teóricas y su evolución. Asimismo, se hace referencia sobre las tendencias y enfoques asociados con las ciencias administrativas en el contexto del siglo XXI, sumado a la representación gráfica que muestra el sistema de interacciones entre los paradigmas-tendencias de la administración como ciencia. La sistematización prevé el desarrollo de las reflexiones finales sobre la administración, como ciencia y sus implicaciones en la práctica de proceso educativos. Es así, como los aportes del estudio permiten visionar renovados procesos que dinamizan y transforman la gestión de las organizaciones en los mercados en el orden global.

2 CORRIENTES EPISTEMOLÓGICAS DE LA ADMINISTRACIÓN: ENFOQUES Y TEORÍAS

Las principales corrientes epistemológicas que han sido debatidas por su relevancia como base para el desarrollo de los estudios sobre la diversidad de los fenómenos que se intervienen desde la administración como ciencia, se centran en determinar su origen y su incidencia en procesos asociados con lo teórico-práctico que

se justifican desde el análisis y la reflexión sobre la evolución científica. Se suma el conocimiento sobre los paradigmas que fundamenta los métodos que otorgan viabilidad como ciencia a la administración, los cuales entre los más destacados están el empirismo, la hermenéutica y el racionalismo crítico o dialéctico, ver Figura 1.

Figura 1. Enfoque epistemológico y paradigmas asociados con las ciencias administrativa.



El relacionamiento conceptual presentado, fundamenta la concepción sistemática de la epistemología de los diversos enfoque teóricos que sustentan el desarrollo teórico-práctico de la administración. En cuanto a la práctica, resulta determinante promover procesos de enseñanza-aprendizaje que profundicen los mencionados paradigmas desde la visión epistemológica. En este orden, comprender la episteme de la administración se convierte en una concepción transversal de esta ciencia sobre las diferentes áreas del conocimiento.

Para tal efecto, comprender el alcance de la evolución teórica, conlleva al análisis de las etapas y períodos de la administración, como de los precursores que la sustentan, entre estos: los principios de la administración científica (Taylor, 1846), el pensamiento administrativo (Fayol, 1841; Weber, 1864), Asimismo se resalta el enfoque de la administración como una institución, la cual tiene sus raíces en la evolución de la sociedad industrial íntimamente ligada a la corporación u organización industrial de gran tamaño (Drucker, 2007), entre otras teorías que determinan el comportamiento y la dinámica de la administración en los últimos años, ver Tabla 1 asociada con las etapas y precursores de la administración.

Tabla 1. Etapas y precursores de la administración.

Etapas	Período	Autor-Principio	Alcance de la teoría en el marco de las ciencias administrativas
I Etapa Edad Clásica	1903	Frederick Taylor <i>Teoría Científica Énfasis en la tarea</i>	Direccionada en la tarea y productividad. Enfoque centrado en la organización racional del trabajo. Asimismo, la productividad prevalece minimizando márgenes de error y optimización del tiempo. La especificidad sobre la tarea y funciones de los colaboradores cuya éxito genera condiciones proporcional sobre los ingresos.
	1916	Henry Fayol <i>Teoría Clásica Énfasis en la estructura</i>	Estructura y eficiencia (técnica, comunicacional, financiera, seguridad). Prevalece la formalidad de las organizaciones. Asimismo, resalta la estructura de las empresas. Propone que todas las empresas, basadas en funciones estratégicas: técnicas, comerciales, financieras, seguridad, contables y administrativas. Para su ejecución destaca las fases del proceso administrativo: planear, organizar, dirigir. Coordinar y controlar.
	1932	Elton Mayo <i>Teoría Humana Énfasis en las Personas</i>	Prevalece la gestión centrada en la gestión de las relaciones interpersonales, liderazgo, interacciones grupales. Se valora tanto la productividad como por la capacidad de crear condiciones sociales que impacten en los colaboradores y grupos que integran las organizaciones. Los resultados están influenciados por el dinamismo de los equipos y por ende el desempeño individual y colectivo.
	1947	Max Weber <i>Teoría de la Burocracia</i>	Basada en la definición de la estructura y capacidad de racionalidad prevista bajo un enfoque de sistema cerrado. Prioriza la gestión de las organizaciones a partir de reglas y normas. Prevalecen los principios que rigen la comunicación formal y la división del trabajo según jerarquías, cargos y funciones, mas no las personas. Sumado a la clara definición de normas y procedimientos.
	1950 1954	Amitai Et Zione Drucker, P. <i>Teoría Neoclásica/ Estructuralista</i>	Enfoque centrado en la estructura y el ambiente. Prevalece ante la relevancia de interrelacionar la organización con su entorno, (principio básico de la administración) lo cual se proyecta como una teoría base, para la teoría de sistemas. Se plantea como parte del desarrollo múltiple y global que para la fecha se gestionaba desde las organizaciones. Establece la claridad de los objetivos y la flexibilidad de las organizaciones para alcanzarlos. Así como la definición de funciones según los staff jerárquicos y el respeto según líneas de mando. (análisis intra e interorganizacional)

II Etapa Edad Moderna	1951	Ludwig Von Bertalanffy <i>Teoría de Sistemas</i>	Resalta como factor determinante el <i>ambiente</i> . Este considera como parte prioritaria los aspectos externos que influyen a la organización y la capacidad de interactuar a lo interno para potenciar capacidades.
	1952	Howard Bowen <i>Obra: "Social responsibilities of the businessmen"</i>	Da inicio al movimiento sobre la responsabilidad social. Esta se orientó a trascender mediante la definición de criterios de responsabilidad social corporativa, hasta la creación del valor compartido. Vigente para el siglo XXI. Su fin se centró en los compromisos de los empresarios para impulsar políticas corporativas asociados con la generación de valor para la sociedad.
	1957	Douglas Mc Gregor <i>Teoría Conductual</i>	Énfasis en las personas y su comportamiento conductual: Motivación, conducta organizacional. Relevancia de los objetivos personales con respecto a los objetivos organizacionales.
	1962	Warren G. Bennis <i>Teoría del Desarrollo Organizacional</i>	Enfoque centrado en la gestión del cambio y la cultura organizacional. Con fuerte énfasis en la psicología para el desarrollo organizacional.
	1972	Paul Lawrence & Jay W. Lorsh <i>Teoría Situacional</i> <i>Énfasis en el ambiente</i>	Prevalece bajo el esquema de priorizar las condiciones del entorno ante las transformaciones y dinámicas cambiantes del ambiente, al igual que las técnicas administrativas. Se centra en la adaptación según condiciones ambientales. Prevalecen las características sobre las capacidades y experiencias, consideradas determinantes para interactuar y mitigar las condiciones cambiante del entorno.
III Edad Contemporánea	1981	Andrews Kenneth Richmond	Otorga prioridad a los componentes externos e internos que inciden en la organización para llevar a efecto la definición de la planeación.
	2008	Fred David <i>Planeación Estratégica</i>	
	1996	Wood, D., and Jones, R.	Se reafirma la teoría promovida por Bowen (1952), y se confirma como la capacidad de las organizaciones (entes sociales con o sin fines de lucro) para generar condiciones favorables entre los colaboradores. A su vez, interactuar en el marco de la corresponsabilidad sobre la efectiva gestión de los recursos tangibles e intangibles de las organizaciones, para responder de forma efectiva a los entornos de participación de las organizaciones.
	1970	Friedman	
	2001	Mohr, L., Webb, D., and Harris, K. <i>Responsabilidad Social</i>	

1998	Jessop	La gobernanza pretende dar cuenta de las transformaciones recientes de la función del gobierno en un contexto complejo de globalización/relocalización, complejidad social, descentramiento de la política y pérdida del carácter “autosuficiente” del Estado.
1999	Corporate Governance Report <i>Gobernanza</i>	
1995	Michael Porter Competitividad	Sus aportes se promueven en el marco de las denominadas <i>Fuerzas de Porter</i> (1983). Su enfoque se centra en la productividad, innovación e potencialidades del factor humano.
1985	Edward Freedman <i>Gestión ambiental</i>	Parte del principio básico de las interacciones: stakeholders y el management. El primero determinado por los grupos de interés con los que interactúa, la organización para alcanzar los objetivos, base para las interacciones con y desde la organización.
1997	David Teece Pisano, G., & Shuen, A <i>Teoría de las capacidades dinámicas</i>	Enfoque centrado en la relación sobre los recursos y capacidades que distinguen la gestión de la organización. Su óptima gestión se proyecta como parte del potencial que distingue la organización, así como por su capacidad de adaptarse a las transformaciones del entorno e impactar de forma favorable en los mercados donde participan.
2013	Néstor Braidot <i>Neuro Management</i>	Su práctica parte del interés de la Neurociencia sobre el comportamiento humano. Énfasis centrado en la disciplina del marketing y de la gestión del talento humano en las organizaciones. Aspectos asociados con las percepciones, gestión de compra se encuentran entre las prioridades de este enfoque teórico.

La evolución de la administración como ciencia muestra un recorrido sistemático, que ha impactado de forma favorable en los entornos de aplicación. Como tal, constituye parte de la historia de la ciencia, (Lakatos, 2011). Según el alcance de las teorías y de acuerdo con las perspectivas de los precursores teóricos, los aportes de las escuelas mencionada, surgidas a partir de la economía clásica, se consideran como parte de la rigurosidad de las ciencias administrativas. Es así, como la interpretación desde el análisis crítico reflexivo, se fortalecen los aportes sobre los avances en el siglo XXI de la administración y sus disciplinas.

De esta forma, se da paso a tendencias emergentes que contribuyen a generar nuevos conocimientos que hacen de la administración una ciencia capaz de configurar

renovados conceptos y teorías que otorguen racionalidad e interpretación ante nuevas realidades organizacionales, productivas y sociales que se dinamizan en mercados altamente competitivos. En consecuencia, la naturaleza sobre el avance de las ciencias administrativas, conlleva a nuevas realidades en el siglo XXI, que impactan en la trilogía: 1) organización, como el objeto de estudio, 2) métodos y técnicas, considerados los medios y 3) el fin determinante para la efectividad de la gestión organizacional.

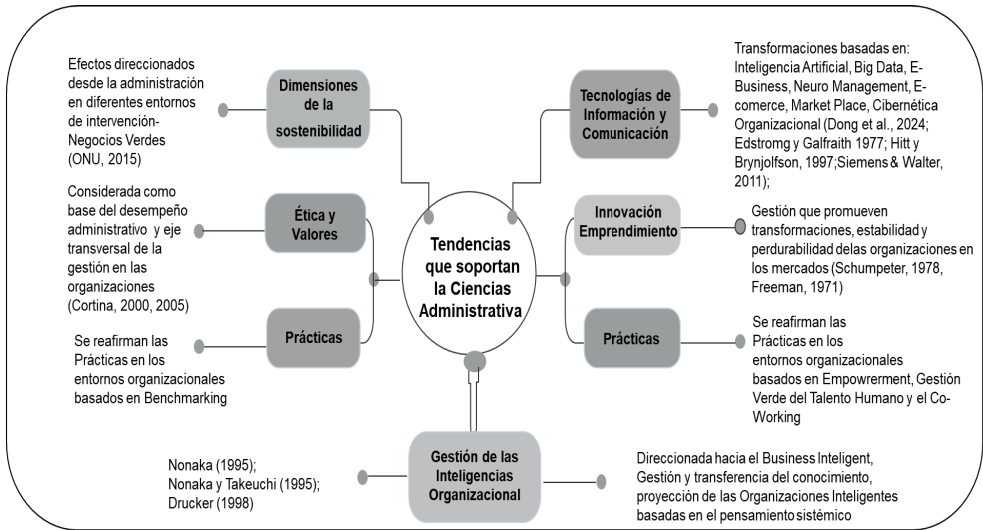
En función de lo expuesto, se resaltan los efectos del ejercicio administrativo como ciencia para promover características distintivas y adoptar desde diferentes contextos la dialéctica entre la relación del objeto, método y fin que determina toda ciencia. Como tal es importante resaltar las tendencias y paradigmas que continúan generando valor a la administración como ciencia.

3 TENDENCIAS DE LAS CIENCIAS ADMINISTRATIVAS EN EL SIGLO XXI

Los referentes sobre las tendencias que aportan al desarrollo de las ciencias administrativas emergen a partir de las dinámicas que surgen en contextos de orden global donde intervienen, mercados-organizaciones/empresas-clientes-sociedad, cuyos aportes fundamentan la concepción de los paradigmas que rigen la epistemología de la administración. Lo expuesto sustenta que la ciencia, no es estática y que su evolución, es promovida por las transformaciones de los entornos en los cuales interactúan los fenómenos que se estudian, en este caso, las organizaciones como las condiciones en las que participan el recurso humano.

Al respecto, nuevos retos impactan en la administración y sus disciplinas, por lo cual se requieren de alertas tempranas soportadas bajo el predominio sobre la producción y capacidad de transferencia de conocimiento. De esta forma, proyectar de forma efectiva el análisis, la comprobación y los resultados que impacten a lo largo de las trayectorias y gestión de las organizaciones, lo cual prevé una proyección futura sostenible basada en prácticas administrativas, lo cual permite distinguirse por su naturaleza y alcance como ciencia. Ante lo expuesto, se presenta el sistema de interacciones entre las tendencias estratégicas asociados con las ciencias administrativas, lo cual permite afianzar los diferentes enfoques teóricos que sustentan el origen de la administración hasta su contextualización en el siglo XXI, ver Figura 2.

Figura 2. Sistema de interacciones entre los paradigmas-tendencias de la administración como ciencia.



Las referidas tendencias en el siglo XXI, se convierten en el eje central sobre el cual se manifiestan diversas teorías que rigen la administración. En consecuencia, afianza tanto la evolución como su vinculación con otras ciencias, sumado a la necesidad de renovar procesos de enseñanza-aprendizaje sobre la administración. Transformaciones que en el caso educativo, han de preverse desde el desarrollo de los programas académicos, como de la proyección de los perfiles profesionales actuales y prospectivo relacionados con el quehacer administrativo.

Lo descrito se plantea como parte fundamental de las bases que sustentan la denominada competitividad de los entornos donde se aplique la administración. Su consideración en el marco de las realidades del siglo XXI, han de considerarse desde la estrategia, como también de las capacidades sobre la medición de los comportamientos de las organizaciones en los que influyen los paradigmas cuali-cuantitativos-mixtos. En consecuencia, la evaluación y disertación sobre el comportamiento de los entornos, indistintamente cual sea su naturaleza, amerita estar fundamentado desde el análisis promovido por comunidades de conocimiento quienes desde la co-creación y la comprobación aportan a la evolución y transformación de los fundamentos de la administración como ciencia.

Asimismo, se resalta el razonamiento lógico para sustentar el análisis de los fenómenos que estudia la administración desde lo teórico y empírico, como lo es la organización, su arquitectura y componentes que conforman el ecosistema de gestión. La pertinencia y efectividad práctica de lo expuesto, contribuye a fortalecer la relevancia sobre

la evolución de los enfoques ya conocidos y centrados en las tareas, el recurso humano, las estructuras objetivas, el medio ambiente, la gestión de grupos de interés (Carayannis, 2013).

Desde la visión epistemológica, se evidencia como el alcance de la evolución de la administración como ciencia, se convierte en el siglo XXI parte fundamental de los procesos que requieren, no solo su aplicación, sino también ser medidos para responder al desarrollo efectivo de los objetivos y la capacidad productiva de los entornos de intervención. En tal sentido, el desarrollo evolutivo de la administración ha logrado responder en un orden global a las transformaciones y dinamismo de las organizaciones, como de los componentes que la integran de allí, la relevancia de la medición del comportamiento sobre la gestión.

En este orden se resalta, el relacionamiento de las ciencias administrativas con la sostenibilidad, la cual se fundamenta a partir de su alcance como ciencia y las aportaciones que inciden de forma transversal para asociarse con los objetivos de desarrollo sostenible tal cual se evidencia en la Figura 1. Es así, como las iniciativas consolidadas desde la perspectiva organizacional en materia de sostenibilidad, requiere ser evaluada para dar viabilidad de forma integral en el marco de políticas de gestión organizacional, la proyección de un nuevo enfoque estructural y funcional que ha de responder a la dinamización de las organizaciones.

En cuanto a las tendencias asociadas con: a) innovación y el emprendimiento, b) tecnologías de información y comunicación, c) gestión de las inteligencias y el conocimiento, sumado a d) la neurociencia, concebida como base para la aplicación del neuromarketing en el marco de la disciplina del mercadeo, tendencia determinante desde el momento de generar espacios para la medición de los comportamientos y percepciones de los colaboradores tanto internos como externos de las organizaciones. Lo descrito se plantean en el marco del presente estudio, como tendencias denominadas: *organizaciones 5Bases*, basadas en la innovación, emprendimiento, conocimiento, lo digital-datos y la gestión humana.

Lo descrito se soporta en los avances que han marcado diferencias a partir de la esencia de las escuelas que rigen la administración. Su puesta en práctica en el siglo XXI permiten evidenciar las transformaciones promovidas en la gestión de las organizaciones. Desde esta perspectiva renovar las estructuras de los planes de estudios sobre los programas de estudios de la administración, se convierte en parte los retos para superar las barreras entre tendencias y la realidad sobre el quehacer de las organizaciones.

Promover las *organizaciones 5Bases*, se concibe como un factor diferenciador y estratégico direccionado a la sostenibilidad organizacional que se distingue por el impulso permanente de la competitividad y productividad. La viabilidad de estos componentes,

resultan necesarios en cualquiera de los sectores organizacionales, para su viabilidad se prioriza la eficiencia, eficacia y efectividad de la gestión organizacional. Como otro de los componentes descrito en la Figura 1, es el componente ético, concebido desde la transversalidad de las tendencias asociadas con la ciencias administrativa. La capacidad de apropiación desde la práctica, se considerada como un componente diferenciador que ha de prevalecer en los miembros que la integran.

En consecuencia, la gestión centrada en un sistema de valores, ameritan ser reflejados y puestos en práctica para un desarrollo organizacional diferenciador y viabilizado de forma integral y humana. Preceptos que teóricamente se fundamentan según Cortina (2005) en un saber práctico, que determina conocer el fin de las acciones del individuo y por ende poder determinar hábitos, ordenar metas intermedias, cuáles son los valores, actitudes para obrar con prudencia (toma de decisiones asertivas).

4 REFLEXIONES FINALES: ADMINISTRACIÓN COMO CIENCIA Y SUS IMPLICACIONES EN LA PRÁCTICA EDUCATIVA Y ORGANIZACIONAL

Resulta determinante la evolución de la administración y su efectos para sumar a las transformaciones en el ámbito de las organizaciones. Sin embargo, lo relacionado con la práctica educativa asociada con las ciencias administrativas, se convierte para la educación y formación de profesionales, como parte de un desarrollo inaplazable y renovado, el cual se concibe bajo la trilogía centrada en *Pensamiento-Conocimiento, Práctica-Acción, Conducta-Humanismo*, que desde la epistemología y los paradigmas de la administración como ciencia, se convierten en la base para consolidar la tendencia, *organizaciones 5Bases*. Su prioridad se centra en un proceso de formación integral, mediado por pedagogías y didácticas que soportan su viabilidad y diferenciación sobre otras ciencias.

Como parte de los resultados esperados, se proyecta la consolidación de organizaciones *sinérgicas*, centradas, no sólo en su productividad y crecimiento, sino también, en el *aprendizaje* y la adopción de una nueva *cultura empresarial*, que permite afianzar y proyectar el desarrollo sostenible desde lo social, económico y ambiental. De tal forma, que generar valor para sumar a la evolución de las ciencias administrativas, se convierte en parte de las estrategias para impulsar desde la academia y los resultados de estudios empíricos renovadas formas de mitigar los riesgos que surgen de entornos de orden glocal, dada la naturaleza de las organizaciones como sistemas abiertos.

Asimismo, los procesos de enseñanza-aprendizaje, ameritan resaltar las formas de comprender y superar las barreras que surgen de dinámicas impredecibles de los

entornos. De esta forma, responder a la necesidad de afianzar procesos formativos mediante el cual, la interrelación entre el educador y el educando, este último, se destaque por ser capaz de construir su propio conocimiento, analizarlo, interpretarlo y reorganizarlo a partir de experiencias previas (Hoyos et al., 2004).

Por lo tanto, comprender desde la epistemología las relaciones teóricas y prácticas de la administración como ciencia, promueve una mayor pertinencia sobre la especificidad de los hoy denominados, *sistemas gerenciales*, que determinan la gestión de las organizaciones. Lo descrito amerita trascender hacia los diferentes perfiles de organizaciones que operan, la cuales priorizan acciones que garanticen flujos efectivos entre los componentes que determinan su funcionamiento.

Además de lo expuesto, se plantea la necesidad de promover la transversalidad de diseño curricular de las ciencias administrativas con otras áreas del conocimiento, así como la viabilidad de la adaptación del modelo desarrollista, por considerar que su concepción contribuye a moldear procesos formativos basados en el aprendizaje significativo, en la cual la motivación, las aptitudes, desempeño y competencias ameritan estar interrelacionados con los contenidos programáticos, la capacidad de análisis, reflexión y argumentación (Ausbel, 2002). Enfoque que permite facilitar el desarrollo, como las resolución de situaciones en contextos previamente identificadas. En líneas generales, la generación de nuevos conocimiento forma parte de la consolidación de competencias cognitivas que ameritan ser desarrolladas desde el contexto educativo.

La dinámica para prever lo expuesto, contribuye a afianzar la capacidad de sistematizar teorías, modelos y conocimientos, así como afianzar desde la perspectiva desarrollista, *modelo sugerido*, el diseño de los programas académicos y su incidencia para responder a las realidades asociadas con la generación de valor para los Objetivos del Desarrollo Sostenible (ODS) declarados desde una visión prospectiva al 2030 por la Asamblea General de la Organización de las Naciones Unidas ONU (2015). Sumado a los principios relacionado con los cuatro pilares básicos de la educación a lo largo de la vida, basados en aprender a conocer, aprender a hacer, aprender a vivir juntos y aprender a ser (UNESCO, 2009).

Pilares que hacen referencia sobre el interés de asumir una visión general sobre la educación, mediante la cual, cada persona sea capaz de desarrollar y fortalecer sus potencialidades desde lo creativo, hasta trascender de la puramente instrumental de la educación y se asume como el medio a través de la cual, se obtienen resultados para considerar a plenitud el saber y el aprender a ser (Delors, 1996). En el mismo orden, se resaltan los referentes asociados con la legislación y disciplinas complementarias de la administración, que rige el sistema de gestión administrativa, económico, contable y de

mercadeo, cuyos preceptos normativos y legales, se asumen como ejes regulatorios a través de los cuales, trasciende la teórica y la práctica en entornos organizacionales.

Por lo tanto, continuar generando valor sobre la epistemología de la administración desde la mirada de los interés de los investigadores, permite sumar a la renovación de tendencias y enfoques, como a la renovación de los programas académicos de los cuales se prevé un mayor análisis crítico reflexivo desde los actores que hacen del conocimiento administrativo un arte para comprender su esencia y enfoque interdisciplinario, para superar las barreras que limitan las transformación de una sociedad de orden global.

REFERENCIAS

Ausubel, D. P. (2002). *Adquisición y retención del conocimiento. Una perspectiva cognitiva*. Ed. Paidós. Barcelona.

BENNIS, W. G. (1962). On Knowledge, Skill and Management. *Contemporary Psychology: A Journal of Reviews*, 7(12), 448, 450. <https://doi.org/10.1037/006793>

Braidot, N. (2013). Neuro management y neuroliderazgo. cómo se aplican los avances de las neurociencias a la conducción y gestión de organizaciones. *Ciencias Administrativas*, núm. 2, julio-diciembre, pp. 56-60.

Carayannis, E. G. (Ed.). (2013). *Encyclopedia of Creativity, Invention, Innovation and Entrepreneurship*. <https://doi.org/10.1007/978-1-4614-3858-8>

Cortina, A. (2005). *Ciudadanos del mundo: Hacia una teoría de la ciudadanía*. Madrid: Alianza Editorial.

Cortina, A. (2000). Ética y política: moral cívica para una ciudadanía cosmopolita. *ENDOXA*, 12-2, 773-789. <https://doi.org/10.5944/endoxa.12-2.2000.4976>

Corporate Governance Report. (1999). *The CalPERS Corporate Governance Guidelines. Corporate Governance: An International Review*, 7(2), 218-223. Portico. <https://doi.org/10.1111/1467-8683.00151>

David, F. (2008). *Conceptos de administración estratégica*. México: Pearson Educación.

Delors, J. (1996.): *Los cuatro pilares de la educación. La educación encierra un tesoro. Informe a la UNESCO de la Comisión internacional sobre la educación para el siglo XXI*, Madrid, España: Santillana/UNESCO. pp. 91-103. Disponible en: http://uom.uib.cat/digitalAssets/221/221918_9.pdf

Druker, P. (2007). *Management Challenges for the 21 St Century*. ELSEVIER. Estados Unidos.

Dong, M., Bonnefon, J., & Rahwan, I. (2024). Toward human-centered AI management: Methodological challenges and future directions. *Technovation*, 131, 102953. <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2024.102953>

Edstrom, A., & Galbraith, J. R. (1977). Transfer of Managers as a Coordination and Control Strategy in Multinational Organizations. *Administrative Science Quarterly*, 22(2), 248. <https://doi.org/10.2307/2391959>

Freeman, C. (1971). Industrial innovation: the key to success? *Electronics and Power*, 17(8), 297. <https://doi.org/10.1049/ep.1971.0193>

Hitt, L. M., & Brynjolfsson, E. (1997). Information Technology and Internal Firm Organization: An Exploratory Analysis. *Journal of Management Information Systems*, 14(2), 81-101. <https://doi.org/10.1080/07421222.1997.11518166>

Hoyos R., S., Hoyos R., P., Cabas V., H. (2004). *Currículo y Planeación Educativa*. Cooperativa Editorial Magisterio. Bogotá. D.C. pág 49.

Jessop, B. (1998), "The Rise of Governance and the Risks of Failure: The Case of Economic Development", *International Social Science Journal*, vol. 50, núm. 155, pp. 29-45.

Kenneth Richmond; Andrews (1981). Replaying the Board's role in formulating strategy. *Harvard Business Review*. Vol. 59 No.3. p18-23. <https://hollisarchives.lib.harvard.edu/repositories/11/resources/441>

Lakatos, A. (2011). *Benezit Dictionary of Artists*. <https://doi.org/10.1093/benz/9780199773787.article.b00103231>

Lawrencè, P. & Lorsch, J. (1972) *O Desenvolvimento de O rganizações: D iagnóstico e A ção*, São Paulo, Ed. Edgard Blücher.

MEYNELL, H. (1975). Science, the Truth, and Thomas Kuhn. *Mind*, LXXXIV(1), 79-93. <https://doi.org/10.1093/mind/lxxxiv.1.79>.

Mohr, L., Webb, D., and Harris, K. (2001), 'Do Consumers Expect Companies to Be Socially Responsible?The Impact of Corporate Social Responsibility on Buying Behavior', *Journal of Consumer Affairs*, 35(1), 45-72.

Nonaka, I., & Takeuchi, H. (1995). *The Knowledge-Creating Company*. <https://doi.org/10.1093/oso/9780195092691.001.0001>

Organización de Naciones Unidas (2015). *Objetivos de desarrollo sostenible*. Estados Unidos. <http://www.undp.org/content/undp/es/home/sustainable-development-goals.html>

Porter, M. (1995). *Estrategia Competitiva*. Edit. CECSA, México.

SCHUMPETER, J. (1978) *Teoría del desenvolvimiento económico*. Quinta Reimpresión, Fondo de Cultura Económica, México.

Siemens, G., & Weller, M. (2011). Monograph "The Impact of Social Networks on Teaching and Learning". Introduction: Higher Education and the Promises and Perils of Social Networks. *RUSC. Universities and Knowledge Society Journal*, 8(1), 156. <https://doi.org/10.7238/rusc.v8i1.1076>

Teece, D. J., Pisano, G., & Shuen, A. (1997). *Dynamic Capabilities and Strategic Management*. *Resources, Firms, And Strategies*, 268-285. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198781806.003.0019>

UNESCO (2009). *Conferencia Mundial sobre la Educación Superior - 2009: La nueva dinámica de la educación superior y la investigación para el cambio social y el desarrollo*. Sede Unesco.París. Disponible en: http://www.unesco.org/education/WCHE2009/comunicado_es.pdf

Wood, D., and Jones, R. (1996), 'Research in Corporate Social Performance: What Have We Learned', in D. Burlingame and D. Young (eds), *Corporate Philanthropy at the Crossroads*, Bloomington, IN, Indiana University Press.

CAPÍTULO 3

ENFOQUE EPISTEMOLÓGICO DE LA DISCIPLINA CONTABLE

José Olivar Mosquera-Mosquera

Facultad de Administración
Universidad Autónoma de Occidente
Cali, Colômbia

<https://orcid.org/0000-0002-0408-9140>

PALABRAS CLAVE: Disciplina contable. Epistemología. Contabilidad. Escuelas del pensamiento contable. Teoría contable.

EPISTEMOLOGICAL APPROACH TO THE ACCOUNTING DISCIPLINE

RESUMEN

El desarrollo y avance sobre la epistemología de la contabilidad permite generar valor en el marco de los principios que rigen la administración. Para la estructura de contenido se aplicó una investigación exploratoria y descriptiva basada en una revisión sistemática sobre la evolución teórica e histórica que soportan los fundamentos de la contabilidad como disciplina, así como los principales precursores analizan los fenómenos que la originan. A su vez, se resalta la esencia del pensamiento contable y se hace referencia sobre las principales tendencias que contribuyen con la transformación de la gestión contable desde los procesos de formación profesional de la contaduría pública, hasta las dinámicas del ejercicio en contextos organizacionales. Como parte de los aportes que suman a la literatura sobre la epistemología contable, se enfatiza sobre la evolución de la epistemología y el pensamiento contable, el desarrollo de la disciplina contable en las últimas décadas, así como la representación de estructuras que dan paso a los aspectos concluyentes que determinan la evolución del pensamiento contable y su desarrollo disciplinar.

ABSTRACT

The development and advancement of the epistemology of accounting allows for the generation of value within the framework of the principles that govern administration. For the content structure, an exploratory and descriptive research was applied based on a systematic review of the theoretical and historical evolution that supports the foundations of accounting as a discipline, as well as the main precursors analyze the phenomena that originate it. At the same time, the essence of accounting thinking is highlighted and reference is made to the main trends that contribute to the transformation of accounting management from the professional training processes of public accounting to the dynamics of the exercise in organizational contexts. As part of the contributions that add to the literature on accounting epistemology, emphasis is placed on the evolution of epistemology and accounting thought, the development of the accounting discipline in recent decades, as well as the representation of structures that give way to the conclusive aspects that determine the evolution of accounting thought and its disciplinary development.

KEYWORDS: Accounting discipline. Epistemology. Accounting. Schools of accounting thought. Accounting theory.

1 EVOLUCIÓN DEL PENSAMIENTO CONTABLE

La evolución de la contabilidad ha sido abordada desde distintas perspectivas, dependiendo en gran medida de la formación de los autores, se le ha dado un enfoque económico, jurídico, social o inclusive antropológico, dichos aportes han sido significativos para comprender la evolución que tuvo la práctica contable con vestigios que datan del año 3.200 AC, dando un paso significativo en la edad media con la difusión de la técnica de la partida doble hacia el año 1.494 siglo para convertirse en una disciplina administrativa con inicios en el siglo XVII.

En cuanto a la evolución de la contabilidad, principalmente europea y norteamericana. Establece una relación de causalidad entre la economía como causa de la evolución de la contabilidad, y además vincula el entendimiento de las prácticas contables con elementos del derecho, lo cual particularmente puede establecer una relación con estos campos de formación Gertz (1976).

Ante lo expuesto anteriormente, el problema del origen de la contabilidad, así como de la metodología empleada en cada época de la historia de la humanidad, permite determinar su contribución mediante la generación de conocimientos sobre la contabilidad resaltando su objeto y método, asimismo, advierte que este campo de conocimiento como otras disciplinas sociales ha interactuado permanentemente con otras ciencias para lograr sus avances (Burbano, 1989). Lo expuesto, se reafirma por considerar que la razón de la contabilidad se vincula con el permanente desarrollo económico; de un lado, el entorno económico ha influido y condicionado a la contabilidad a lo largo de los siglos; pero, de otro, la disciplina contable ha influenciado, condicionado e impulsado el entorno y también el desarrollo económico (Túa, 2009; Mattessich, 1964).

Para comprender la función que en la actualidad desempeña la contabilidad es conveniente revisar su evolución histórica asociada con su desarrollo económico. Proceso que permite determinar que en sus inicios la contabilidad se concibe como una práctica social, posteriormente como técnica con la difusión y uso de la partida doble; solamente a partir de los siglos XVIII y XIX, se dieron los avances de la investigación disciplinar. Desde la perspectiva de la evolución del pensamiento como disciplina contable, se distinguen tres etapas en el desarrollo de la disciplina contable que se asocian también a tres Escuelas de Pensamiento contable ver Tabla 1, sobre el desarrollo de la disciplina contable.

Tabla 1. Desarrollo de la Disciplina Contable.

Agrupación de Escuelas	Temporalidad	Principales Escuelas y Autores
Período Clásico	Siglo XVIII – Siglo XIX	Escuela Contista: Matthieu Dela Porte (1685, Francia) Edmund Degranges (1795, Francia). Escuela Lombarda: Francisco Villa (Italia, 1850). Escuela Personalista: Giuseppe Cerboni (Italia, 1886). Escuela Controlista: Fabio Besta (Italia, 1891).
Período Económico	Siglo XX	El neocontismo económico centroeuropeo: Joseph Skarza (Hungria), Frederich Hügli (Suiza), Leo Gomberg (ruso, nacionalizado suizo) 1822-1908. El neocontismo económico Frances: Jean Bournisien, René Delaporte, Jean Dumarchey (1919-1922). Escuela Alemana de la Economía de la Empresa: Schmalenbach Eugen (1919). El neocontismo en Estados Unidos: Sanders, Hatfield, More, AICPA, Paul Grady, Sprague, Paton, Canning, Sweeny (1907-1970). El período económico en Italia: la economía hacendal y la escuela patrimonialista: Gino Zappa y Vincenzo Masi (1943-1962). La escuela económico-deductiva norteamericana: Moonitz y Sprouse (1991-1993)
Período de Investigación Empírica	Finales del Siglo XX y XXI	Comportamiento agregado del mercado. (Ball y Brown, 1968). Valor económico de la Información (Feltham,1968). La teoría positivista de la contabilidad: Watts, R y Zimmerman, J.L (1978-1986). Formalización Axiomática y Concepción Semántica: Richard Mattessich (1964-1973)

Fuente: Elaboración propia Hendriksen, (1974); Chatfield, (1979); Cañibano y Angulo (1996); Tua Pereda (2004) y Laya (2011).

Para mayor énfasis sobre el alcance de las escuelas utilizadas por Vlaemmink (1961) se especifica lo relacionado con:

- *Escuelas del periodo clásico*, integrada por los primeros autores que desde el siglo XVII aportaron al inicio del pensamiento contable, esta se caracterizó por racionalizar la práctica contable. El período clásico se extiende desde el nacimiento de las primeras escuelas de pensamiento contable a finales del siglo XVIII, hasta que surge el denominado programa de investigación económico, a comienzos del siglo XX.

La principal característica está determinada por el propósito de explicar la naturaleza y el funcionamiento de las cuentas, así como la racionalidad de las técnicas

que se habían desarrollado. La contabilidad estuvo orientada en esta etapa a generar un razonamiento de las prácticas contables caracterizadas por su dinamismo a partir dinámicas del mercantilismo y la industrialización de las economías, y que ayudaron a la transformación de los negocios.

En esta etapa se destacan los aportes realizados por diversos autores como Porte (1685) y Rancy (1795) con la escuela contista; Bornaccini (1818) y Villa (1850) con la escuela lombarda; Cerboni (1883, 1886) con la escuela Personalista; y finalmente Besta (1891) creador de la escuela controlista, el cual planteó el método de amortizaciones contables sobre la base del costo de adquisición, habló sobre el inventario y sobre las funciones contables como control para la empresa, estos aportes fueron tan significativos que por ello se le atribuye a este autor el reconocimiento como “Padre Moderno de la Contabilidad”; considerado los fundamentos de la contabilidad como disciplina de conocimiento; dado que al difusor de la técnica de la partida doble en el renacimiento, el autor Pacioli (1494), es a quien se le reconoce ser el “Padre de la Contabilidad”. (Laya, 2011; Túa, 1893)

- *Escuelas del periodo económico*, las cuales se preocuparon por la valoración de los activos y por el cálculo de la utilidad financiera retomando planteamientos desde la ciencia económica. Esta etapa surge especialmente en Centroeuropa y tienen sus principales seguidores en Francia, Alemania e Italia. El período económico se manifiesta a través de las llamadas escuelas “neocontistas”, cuyas características son abandono del personalismo de las cuentas como justificación de sus movimientos, búsqueda de una concepción más sustantiva de la disciplina contable, basada especialmente en el concepto de valor económico, de modo que la Contabilidad se orienta a la determinación y análisis del valor de los activos y el cálculo de la utilidad, a la vez que se la vincula a la toma de decisiones económicas; y atención al movimiento de las cuentas, circunstancia que justifica la denominación de “neocontista”, con la que se conoce a esta escuela.

Sobre los principales aportes presentados en las escuelas del periodo económico están el neocontismo económico centroeuropeo, así, en esta área pueden citarse, al húngaro Skarza (1822), al suizo Hügli (1871) y, especialmente, al ruso, nacionalizado en Suiza, Leo Gomberg con su obra *La Science de la Comptabilité*, (1897) y *Grundlegung* (1908). También el neocontismo económico francés, en el cual como representantes pueden citarse a Bournisien (1919) con su obra *Essai de Philosophie Comptable*, también a Delaporte (1922) con su obra *La Comptabilité Industrielle*, y especialmente Dumarchey (1919) con la obra *Theorie Positive de la Comptabilité*, (Tua, 1988; Chatfield, 1979).

En el mismo orden, se resalta parte del periodo económico a la escuela alemana de la economía de la empresa. Esta escuela es una derivación de los planteamientos neocontistas europeos, su principal representante es Schmalenbach, quien con *Die Dynamische Bilanz*, crearon una sólida tradición de la contabilidad basada en el concepto de valor y en la determinación económica y por tanto, realista del beneficio. En el período económico en Italia se destacan la economía hacendal y la escuela patrimonialista, en las cuales el enfoque económico cobra su total dimensión en la escuela patrimonialista, encabezada por Masi (1943) y Laya (2011). Igual referencia se hace sobre los aportes en este período económico a la escuela económico-deductiva norteamericana, cuyos trabajos más representativos de este enfoque son los de Moonitz (1961) y Sprouse y Moonitz (1963). Su relevancia se debe a la definición de principio contable, abogando porque la regulación contable tenga una estructura compuesta por una serie de reglas lógicas. (Burbano, 1989; Chatfield, 1979)

- *Escuelas del período de investigación empírica*, que se preocupan por determinar los usos de la información contable y su fundamentación epistemológica, donde la adopción del paradigma de utilidad relanzó la utilización de planteamientos empíricos que se centraban en la importancia de la información contable para responder a las necesidades de los grupos de interés y de los usuarios de la información contable para fundamentar una mayor racionalidad en las decisiones empresariales. (Tua, 2009; Chatfield, 1979)

Diferentes han sido los enfoques utilizados en la investigación empírica, que se encuentra apoyada en la descripción que hace de los paradigmas actuales en el pensamiento contable actual Belkaoui (1981), como también la definición de los postulados y principios contables que se incluyen textualmente: 1) explicar las razones que argumentan las prácticas contables actuales, 2) evaluar las mismas y concluir los ajustes que puedan ser necesarios para lograr una buena práctica y 3) ofrecer bases para la creación de nuevas prácticas contables en el marco general de la contabilidad (Chatfield, 1979, p.424).

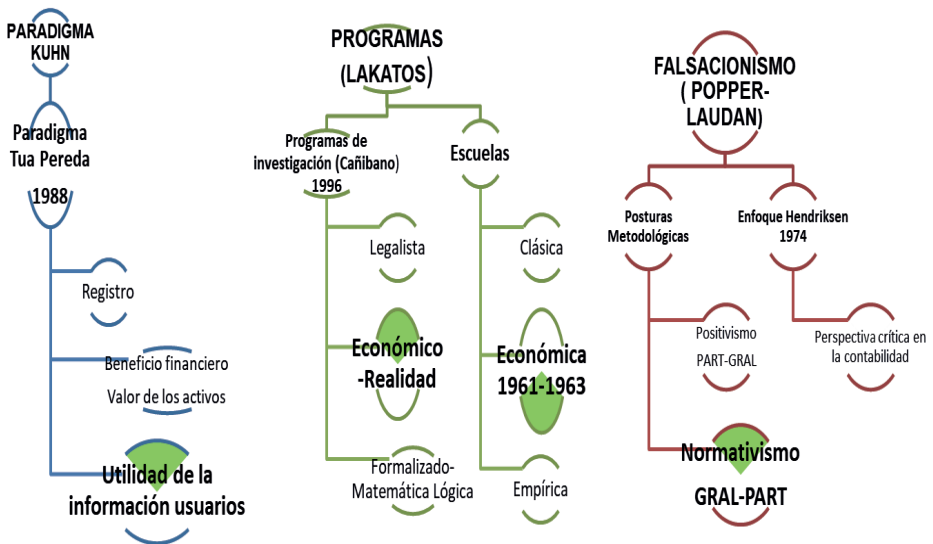
También hacen parte del periodo empírico el movimiento denominado por «programa formalizado» tuvo su definitiva manifestación a mediados del siglo XX, con la finalidad de «reducir las proposiciones de la contabilidad a cálculos lógicos o matemáticos para, en virtud de las reglas inferenciales, llegar a unos resultados capaces de ser interpretados semánticamente, y cuyo contraste con la realidad contribuye a incrementar su potencialidad explicativa y predictiva; en este programa se destaca Mattessich (1961),

con un marco semi-axiomático para la contabilidad, concebido como una metateoría o teoría general de la contabilidad, que proporciona unas bases comunes para los sistemas contables de cualquier clase (Cañibano y Angulo, 1996).

2 EPISTEMOLOGÍA DE LA DISCIPLINA CONTABLE

Se puede partir desde la socioepistemología, considerando que esta aporta criterios interesantes para agrupar las tendencias concurrentes en una disciplina y la manera en que ha evolucionado el pensamiento alrededor de la misma. No es raro utilizar para estos propósitos, con mayor o menor rigor, los conceptos de paradigma Khun (1962), o de programa de investigación Lakatos (1970), o los más evolucionados con base en los anteriores, de redes de teorías (Stegmüller, 1979), familias de áreas de investigación (Bunge, 1983) o tradiciones de investigación (Cañibano y Angulo, 1996; Tua,1988; Laudan, 1977; Hendriksen, 1974), ver Figura 1 sobre la representación de los fundamentos que rigen la epistemología contable.

Figura 1. Representación gráfica de fundamentos epistemológicos de la contabilidad.



Fuente: elaboración propia a partir de Tua (1988), Cañibano y Angulo (1996) y Hendriksen (1974).

Se evidencia en la figura, los diferentes enfoques epistemológicos más importantes que se han aplicado al pensamiento contable, desde la perspectiva de los paradigmas, se identifican 3 objetos de estudio que han ido evolucionando para el desarrollo de la contabilidad, primero el registro contable, luego la determinación del beneficio y finalmente la utilidad de la información.

Desde el enfoque paradigmático se reconocen los programas legalistas, económicos y formalizados, que también guardan correspondencia con las Escuelas clásicas, económicas y empíricas reseñadas en el punto anterior. Finalmente, desde el enfoque falsacionista, aparecen como se ha indicado dos posturas metodológicas que tienen un reconocimiento importante en las estructuras y dinámicas que se han asumido para la regulación contable y la aplicación y desarrollo de estándares, y por otro lado aparece una perspectiva crítica que se aparta del funcionalismo y que trata de generar un pensamiento contable científico.

En este orden, se profundiza sobre la evolución epistemológica haciendo énfasis en las siguientes perspectivas socio epistemológicas: por la visión de paradigmas se plantean reflexiones sobre: 1) el objeto material y el objeto formal de la disciplina contable; 2) las implicaciones para el conocimiento contable de la distinción entre teoría general y sus aplicaciones; 3) las vertientes, positiva y deóntica, de la contabilidad y, por último, 4) su posible naturaleza científica. (Tua, 1995; Khun, 1962). De igual forma, se señala que la teoría contable es influenciada por los cambios producidos en las instituciones económicas y en objetivos y usos de los datos, información suministrada por la contabilidad, por lo que la utilidad y toma de decisiones son dos términos que a partir de los años sesenta y setenta del siglo XX aparecen con frecuencia en las definiciones que se hacen de la contabilidad. (Hendriksen, 1974, pág. 32).

Adicionalmente se identifica la adopción del paradigma de utilidad, como la evolución del concepto de usuarios de la información financiera, que se amplía progresivamente, y que se incluye, como punto de partida en las declaraciones conceptuales de la disciplina contable (Tua, 1989). El esquema postulados-principios normas a seguir en la construcción de una aplicación contable, tal como hicieron los ya citados Sprouse y Moonitz en la Contabilidad financiera.

Desarrollado el paradigma de utilidad y, con ello, aceptado el carácter teleológico de la disciplina contable, se construyeron itinerarios lógico-deductivos que introducían en su discurso los objetivos de la información contable y, con ello, vinculan las reglas a propósitos concretos; estos itinerarios se utilizaron tanto por la doctrina como por los organismos reguladores (Burbano, 1989). Ante los planteamientos expuestos, se muestra la evolución de la contabilidad mediante un proceso continuo de sustitución de paradigmas. Proceso que permite apoyar en el sentido amplio de los paradigmas a la contabilidad, como «matriz disciplinar», que permite observar la conducta de los miembros de la comunidad científica. Ahora se sabe, que el conocimiento contable no puede ser estático, sino dinámico y adaptable a la realidad del contexto, por considerar que la ciencia y la tecnología avanzan exponencialmente (Wells, 1976).

Es aquí oportuno validar, si es pertinente aplicar la tesis del desarrollo de las ciencias de Kuhn, a la Contabilidad, dado que, el entorno económico y social ejerce una influencia decisiva en su evolución, en la cual también inciden las TIC, posiblemente como el generador de las “anomalías” que propicia la revolución que genera el desarrollo del conocimiento en la contabilidad. De igual forma, Mattessich (2002), señala que, más que un cambio paradigmático en contabilidad nos enfrentamos con un cambio metodológico, que puede conducir a una perspectiva, con posibilidad de solventar cuestiones no planteadas. En cuanto a la identificación de los programas de investigación, es necesario la discusión de los planteamientos de quienes señalan, que el desarrollo de la investigación en contabilidad, requiere ser estudiado bajo la premisa de los programas de investigación contable, como legalista, económico y formalizado (Cañibano, 1996; Lakatos, 1970).

Se resalta que, el programa Legalista da cuenta del incremento de la información y los nuevos ámbitos de la regulación contable, de modo que los documentos tradicionales (balance y resultados) ven aumentar su dimensión, surgiendo, además, la memoria (notas o revelaciones adicionales), como complemento inexcusable de aquellos, llamado a explicarlos y ampliarlos, a la vez que aparecen nuevos documentos, antes inusuales en la información empresarial (Gonzalo, 1981).

Por otra parte, el programa económico, define al método contable, como un conjunto de postulados y premisas subsidiarias que permite someter a la observación la realidad económica, y expresar en un lenguaje convenido los aspectos cualitativos y cuantitativos, conforme a unas reglas que garantizan un determinado grado de objetividad, como también procesar la información resultante siguiendo unos criterios que permitan obtener estados sintéticos que contengan agregados relevantes. Es así, como la propuesta de valor de la contabilidad es ofrecer a los directivos de la organización y a los grupos interesados, la información que demanda el mercado para fomentar la sostenibilidad, competitividad e innovación de los negocios en entornos económicos y sociales más dinámicos. (Cañibano y Angulo, 1996).

Lo relacionado con el programa formalizado, a través del cual puede situarse la generalización y formalización de los conocimientos en que se asienta y que puede asimilarse con la construcción de una teoría general contable, que trataría de poner de manifiesto los rasgos comunes de todas las aplicaciones contables posibles. Por otra parte, se menciona lo teológico, normativo, con apoyo en la lógica deóntica, que trata de derivar de la teoría general reglas concretas para la acción, como hipótesis instrumentales, verificables teológicamente, busca la concordancia entre objetivos perseguidos y resultados conseguidos. En este último, se encuentra la interpretación

de la teoría general contable para construir, a partir de la misma, aplicaciones contables específicas, los modelos contables con método científico y los segmentos de la contabilidad (García-Casella, 2001).

Los fundamentos teóricos expuestos, hacen de la contabilidad una disciplina de desarrollo empírico, pues sus verdades pueden refutarse por la experiencia: los rasgos comunes pueden ser contrastados y verificada su existencia con los diferentes sistemas. A su vez, permite comprobar el funcionamiento de un sistema contable, es decir, si sus consecuciones se orientan o no, a la finalidad prevista. Pero, dentro de las disciplinas empíricas, la contabilidad participa en buena medida del carácter de ciencia aplicada, pues cada sistema contable requiere un conjunto de hipótesis instrumentales, a partir de las cuales construye sus reglas, en función de los objetivos previstos para el sistema (Mattessich, 1961).

En este orden, se caracteriza una discusión entre las escuelas de la contabilidad organizacional, en primer lugar, que impulsan una corriente Interpretativa para la contabilidad, donde la base metodológica para una teoría de la contabilidad normativa-condicional, reconoce diferentes objetivos de información (normativista), pero permite la formulación de relaciones empíricamente confirmadas entre los objetivos y los medios para alcanzarlos (positivista); y en un segundo planteamiento, la perspectiva crítica radical, referenciada en principio por autores de Europa, Estados Unidos y Asia, y que vienen planteando en el contexto latinoamericano una mirada con mayor rigor científico para el estudio de la contabilidad. (Mattessich, 2002; Chua, 1986).

3 DISCIPLINA CONTABLE DESDE UNA VISIÓN DE PROYECCIÓN Y TRANSFORMACIÓN

Lo expuesto sobre la disciplina contable y su evolución, permite visionar la proyección sobre su ejercicio, para lo cual se resalta como predominante lo relacionado con la contabilidad financiera. Esta se orienta a sustentar los sistemas de información financiera y a proporcionar información a terceras personas *stakeholder* quienes interactúan con la empresa, como son los accionistas, instituciones de crédito, proveedores, inversionistas, clientes, gobierno, etc. a fin de facilitar sus decisiones. Como también se resalta la contabilidad de gestión o administrativa, soportada por los sistemas de información, y dispuesta para la optimización de los servicios y necesidades de la administración, la cual se orienta de forma pragmática a facilitar las funciones de planeación, control y toma de decisiones (López et al., 2009).

Desde la perspectiva de la función tradicional de la contabilidad, centrada en la rendición de cuentas de la empresa a los usuarios externos tradicionales (administración pública, competencia, proveedores, deudores, etc.), se destaca que en la actualidad se ha transformado para ser ampliado y extensiva hacia la sociedad en general, sobre todo para dar cumplimiento a la tendencia sobre la responsabilidad social corporativa de las empresas. Sin lugar a dudas, la función externa se convierte en un medio para garantizar la objetividad de la información contable, la cual se presta por auditores y revisores fiscales, profesionales que están especializados en la tarea de revisión contable o auditoría y que utilizan técnicas concretas, para comprobar si los principios de contabilidad generalmente aceptados han sido correctamente aplicados, si la información contable publicada por la unidad económica presenta razonablemente la realidad económica y financiera a la que se refiere (Villegas, 2011).

Parte de los avances sobre la disciplina contable, tienen mayor énfasis por las necesidades centradas en la información y su efectiva disponibilidad, sobre todo en el caso de la información financiera. Esto se convierte en un propósito general establecido por el *International Accounting Standards Board* (IASB); por lo que, los objetivos del actual marco conceptual para la información financiera, que constituyen el faro con el que el IASB, desarrolla los *International Financial Reporting Standards* (IFRSs) conocidos en español como las Normas Internacionales de Información Financiera NIIF, establecen un cuerpo normativo de alta calidad y que procura generar información que debe ser relevante, y constituir imagen fiel de las organizaciones, sea comprensible, comparable, verificable y oportuna (IASB, 2023).

Se suma, el componente de las tecnologías de información y comunicación (TIC) como recursos fundamental en la gestión contable, Para tal efecto, el desarrollo de competencias sobre el uso y dominio de las TIC, resultan estratégicas dada su incidencia en los procesos de recolección, procesamiento, almacenamiento, recuperación y comunicación de la información contable. Sin embargo el problema sobre cómo interpretar las necesidades de información de los distintos tipos de usuarios, es reiterativo, además del factor tiempo necesario para mantener la integridad de los datos, lo cual permite asegurar un grado razonable sobre los distintos grados de fuente (origen), proceso, archivo y transferencia es una tarea pendiente (López, 2009).

Otro tema relevante para la investigación contable es el de la contabilidad social y medioambiental, en este orden de ideas, la contabilidad debe asumir la responsabilidad de proveer información que contribuya con la sostenibilidad de las organizaciones y la sociedad contribuyendo de esta con los objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS) 2030.

Se considera que no es un atarea fácil, al destacar que los teóricos de la contabilidad medioambiental señalan que algunos paradigmas sobre los que se fundamenta la contabilidad y específicamente la contabilidad financiera, son propios del sistema capitalista y entran en contradicciones irreconciliables con la contabilidad social y medioambiental (Larrinaga, 1999).

Por lo anterior, el impulso dado por las Naciones Unidas con los objetivos de desarrollo sostenible ODS, tiene un impacto para la contabilidad social y medioambiental, sobre todo al prever que es un medio para disponer de información orientada a la toma decisiones empresariales. A su vez, contribuya a la consecución de dichos objetivos, lo cual genera posibilidades que le otorgan a la contabilidad mayor relevancia. Además, la Iniciativa de Global Reporting Initiative (GRI) y de los Reportes Integrados <IR>, constituyen una importante referencia para la revelación contable de la información sobre el compromiso organizacional con el medioambiente, con los ODS y con su Responsabilidad Social (RSE).

Ante los aportes que muestran la proyección y desarrollo de la contabilidad como disciplina social, se destaca la relevancia del estudio sobre el comportamiento del contexto que rodea a las organizaciones públicas y privadas, fundamentalmente desde el contexto económico, y social y ambiental que demanda la sostenibilidad para las organizaciones, los cuales están presentes también en el ESG Reporting (Environmental, Social and Governance). Reporte que ha evolucionado para exigir de la contabilidad información que sea pertinente para revelar la sostenibilidad empresarial, lo cual como parte complementaria se crea un nuevo consejo emisor de normas Sustainability Standards Board (SSB), el 3 de noviembre de 2021, promovido por los directivos de la Fundación IFRS.

En líneas generales, la contabilidad como disciplina de las ciencias administrativas, amerita generar valor y lograr la efectiva proyección de los procesos que fortalecen la gestión contable a través del dominio de conocimiento y prácticas relacionadas con la inteligencia de negocios, los reportes integrados, el análisis de riesgo, la contabilidad social y ambiental, la analítica de datos, la contabilidad de gestión, la estadística y econometría, el big data, la inteligencia artificial, las tecnologías para información financiera y no financiera, la complejidad y globalización de los negocios, la sostenibilidad de las organizaciones, el blockchain y demás dinámicas que ya hacen parte de la gestión contable en las medianas y grandes empresas del sector público y del sector privado, y que rápidamente se aplicarán también a las pequeñas empresas para que puedan ser competitivas.

4 CONCLUSIONES

La evolución histórica de la contabilidad como disciplina tienen sus orígenes en el estudio sobre la partida doble y su relación con las funciones que asume contabilidad para dar cuenta de los negocios. Al respecto, en el período clásico los autores se preocupan fundamentalmente por ofrecer una explicación racional a las prácticas que surgieron con la teneduría de libros y que respondieron a las dinámicas del comercio y de la naciente industria. Sin embargo, el progreso del proyecto de la modernidad, incorpora desarrollos importantes para el estudio de la economía, que son introducidos al estudio de la contabilidad principalmente a través de la noción del valor económico y sus aplicaciones para la valoración de la inversión en las empresas a partir del concepto de propiedad y para el cálculo de la utilidad de los negocios con la relación de ingresos, costos y gastos.

Es así, como la búsqueda insistente de los orígenes propios de la contabilidad, convocan el desarrollo de las escuelas empíricas que se preocupan por un desarrollo autónomo, a través del cual se manifiestan, de un lado las investigaciones de corte normativistas, y del otro, las de corte positivistas, que adicionalmente dan lugar a una perspectiva crítica para el estudio y desarrollo de la contabilidad; en estas escuelas se identifica una preocupación clara por el valor de la información y la racionalidad de las decisiones basadas en la contabilidad.

REFERENCIAS

Burbano, J. E., (1989). Contabilidad: análisis histórico de su objeto y método. Pliegos administrativos y financieros, 12(35).

Cañibano L; Angulo J. (1996). Los Programas de Investigación. En Contabilidad Universidad de Cádiz/ ASEPUC. Publicada posteriormente en: Contaduría (Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia) n. 29, septiembre 1998, págs. 13-61.

Chatfield, M. (1979): Estudios Contemporáneos sobre la Evolución del Pensamiento Contable, México: Editorial Ecasa.

Cubides, H., Edgar, L., Machado, M., Visbal, F., & Maldonado, A. (1999). Historia de la contaduría pública en Colombia siglo XX. Fundación Universidad Central. Historia de la Contaduría Pública en Colombia siglo XXI. Ediciones Universidad Central.

Chua, W. (1986). Radical Developments in Accounting Thought. En: The Accounting Review. Vol. 61. No. 4.

Eccles, R.; Barker, R.; Serafeim, G. (2020). The Future of ESG Is ... Accounting?. Harvard Business Review.

Franco, R. (2011). Reflexiones contables. Editado por Universidad Libre. Bogotá, Colombia.

- García-Casella, C. (2001). Elementos para una Teoría General de la Contabilidad. Editorial la Ley. Buenos Aires.
- Gertz, F. (1976): Origen y evolución de la contabilidad, México DF, Editorial Trillas, pp.17-18. 74. 75. 84.
- Hendriksen E. (1974): TEORIA DE LA CONTABILIDAD, Unión Tipográfica editorial Hispano – Americana- México.
- Hernández E. (2002): La Historia de la Contabilidad; Revista Libros N° 67-68 AECA.
- IASB, (2023): Normas Internacionales de Información Financiera NIIF.
- IFAC, (2022): Handbook of International Education Pronouncements.
- Larrinaga, C. (1999). "Perspectivas Alternativas de Investigación en Contabilidad: Una Revisión". En: Revista de Contabilidad. Vol 2. No 3. (103-131).
- López, M De R.; Carrasco, A.; Donoso, A.; Fuentes S.; Larrinaga, G.; Hernández, J.J.; (2009): Estados Financieros. Teoría y Casos Prácticos; Ediciones Pirámide. Madrid, España.
- Millán, R. (1975). La Historia de la Contaduría en Colombia. Editorial retina.
- Mattessich, R. (1961). Budgeting models and system simulation. The Accounting Review, vol. 36, no 3, p. 384.
- Mattessich, Richard. (1995): Conditional-normative accounting methodology: incorporating value judgments and means-end relations of an applied science. Accounting, Organizations and Society, vol. 20, no 4, p. 259-284.
- Mattessich, R. (2002): Contabilidad y Métodos Analíticos, Medición y Proyección del Ingreso y la Riqueza en la Microeconomía y en la Macroeconomía. Edi. La Ley, Buenos Aires. Argentina.
- Pacioli, L. (1494): Summa de Arithmetica geometria proportioni: et proportionalita. Paganino de paganini, 1494.
- Redfacont, (2006): Marco de Fundamentos Conceptuales y Especificaciones del ECAES de Contaduría Pública. Instituto Colombiano para el fomento de la Educación superior- ICFES.
- Tua J. (2009). Contabilidad y Desarrollo Económico. El Papel de los Modelos Contables de Predicción. Especial Referencia a las NIC ´s.
- Tua J. (1988): Evolución y situación actual del pensamiento contable.
- Tua J. (1988): Evolución del Concepto de Contabilidad a través de sus Definiciones. XXV Años de Contabilidad Universitaria en España. Homenaje al doctor Mario Pifarré. Ministerio de Hacienda, Instituto de Planificación Contable, Madrid España, págs. 895- 956.
- Tua J. (1983): Principios y Normas de Contabilidad. Instituto de Planificación Contable. Ministerio de Hacienda, Madrid. España.
- Vela, M., Montesinos, V. y Serra, V. (1996): Manual de Contabilidad. Ediciones Ariel, Barcelona. España.
- Wells, Murray C. (1976): ¿Una revolución en el pensamiento contable? The Accounting Review, vol. 51, no 3, p. 471-482.

Vargas, C.; Peña, A. (2017): La globalización económica y contable: Su incidencia sobre la fiscalidad en Colombia Actualidad Contable Faces, vol. 20, núm. 35.

Vlaemminck, Joseph. (1961): Historia y Doctrinas de la Contabilidad. Madrid: INDEX.

Villegas, M. (2011). Dinámica de la concepción y la enseñanza de la teoría contable en Colombia (1970-2000): una exploración institucional. Universidad Nacional de Colombia, ISSN, 6314.

CAPÍTULO 4

VISIÓN ONTOLOGICA DE LAS CIENCIAS ECONOMICAS Y LA ADMINISTRACIÓN

María Carolina Rozo Chaves

Facultad de Administración

Universidad Autónoma de Occidente

Cali, Colômbia

<https://orcid.org/0009-0008-6963-1237>

ONTOLOGICAL VISION OF ECONOMIC SCIENCES AND ADMINISTRATION

ABSTRACT

The study of the relationships between economic sciences and administration disciplines are decisive for understanding the ontological dynamics of organizations in the context of the 21st century. On the topic, this chapter explores from an ontological vision the theoretical foundations of the relationships between these sciences. For its development, an exploratory-documentary research was carried out, and from a qualitative approach the nature that governs the economy is studied and argued, in addition to its implications that strengthen administration as a science. The findings contribute to understanding the phenomena and practices that determine the management of the economy and administration as references that strengthen the contributions of existing literature in the area, in turn promoting new ways of promoting the transformations required in organizations.

KEYWORDS: Economic sciences. Administration disciplines. Administrative ontology. Organization. Company.

RESUMEN

El estudio de las relaciones entre las ciencias económicas y las disciplinas de la administración son determinantes para comprender las dinámicas ontológicas de las organizaciones en el contexto del siglo XXI. Sobre el tema, el presente capítulo explora desde una visión ontológica los fundamentos teóricos sobre las relaciones entre estas ciencias. Para su desarrollo, se realizó una investigación exploratoria-documental, y desde un enfoque cualitativo se estudian y argumentan la naturaleza que rige la economía, además de sus implicaciones que afianzan la administración como ciencia. Los hallazgos contribuyen a comprender los fenómenos y prácticas que determinan la gestión de la economía y la administración como referentes que fortalecen los aportes de la literatura existente en el área, a su vez promover nuevas formas de impulsar las transformaciones requeridas en las organizaciones.

PALABRAS CLAVE: Ciencias económicas. Disciplinas de la administración. Ontología administrativa. Organización. Empresa.

1 INTRODUCCIÓN

Un primer acercamiento a la revisión de este capítulo constituye definir la ontología. Su consideración nos lleva a un concepto filosófico centrado en una forma de ver las

cosas, para que en realidad sea. La ontología, se fundamenta como la rama de la filosofía dedicada a reflexionar sobre los modos esenciales de existencia de las cosas (Posada-Ramírez, 2014). Estudia la naturaleza de la realidad, lo que existe; esto lo define como entidades y en consecuencia, abarca cómo esas entidades se categorizan y se relacionan entre estas.

Un enfoque ontológico en cualquier disciplina, incluida la economía, implica analizar y definir las entidades básicas y fundamentales de esa disciplina y entender cómo se estructuran y se interrelacionan. Asimismo, permite definir una forma de ver la teoría estudiada a partir de entidades, su naturaleza y estructura de la realidad. A partir de lo cual, las entidades se pueden definir considerando ¿qué existe? para configurar una realidad específica. Un primer acercamiento al enfoque ontológico de la economía, se representa por las entidades propias de los mercados, los bienes, servicios y agentes económicos que los determinan.

Para completar la definición de entidades se encuentran los tipos, que corresponden a una clasificación de las entidades en categorías, como por ejemplo objetos, eventos, procesos, propiedades. En economía se observa que el mercado es una entidad, y su tipo estaría definido por la participación de los productores, teniendo así mercados en competencia perfecta y monopolios. Otro aspecto que tiene en cuenta el enfoque ontológico es la naturaleza de las entidades, definida por las características intrínsecas y las relaciones entre ellas. Por características intrínsecas entendemos la descripción de las propiedades esenciales de las entidades (Mäki, 2001).

En cuanto al análisis ontológico de la administración, prevalece la identificación de los roles en una estructura con procedimientos y funciones relacionadas con la práctica administrativa. Por ejemplo, se puede incluir la naturaleza de una organización, la autoridad, el liderazgo, entre otras características existentes en la realidad que hoy nos aproxima a conocer cómo se definen e interactúan las entidades y cómo estas interacciones conforman la gestión administrativa (Robbins, 2005). Entre otros aspectos, se resalta la estructura sobre la realidad, que considera las jerarquías y sistemas, y las dinámicas y cambios. Cuando se habla de jerarquías y sistemas se responde a ese cómo se organizan los roles en sistemas complejos y jerárquicos. Por ejemplo, en una empresa, se podría analizar la jerarquía organizacional y los sistemas de gestión. En relación con las dinámicas y cambios se entiende cómo las entidades cambian a lo largo del tiempo y en qué condiciones estos cambios ocurren. Lo que nos conduce a tener en cuenta el seguimiento de algo específico en el tiempo, lo cual genera las bases para determinar desde una mirada ontológica la evolución de las ciencias económicas y de la administración.

En función de lo expuesto, en la primera parte del capítulo, se desarrollan los principales fundamentos ontológicos de las ciencias económicas, para tal fin se parte con la definición y alcance de la ontología en economía; considerando las cuatro entidades principales en economía su naturaleza, propiedades, relaciones y estructuras que se consolidan entre ellas, para dar forma a lo que conocemos hoy en el funcionamiento y entorno de la economía. En cuanto a la naturaleza y propiedades de la economía, se resalta el valor, utilidad y productividad, las cuales se analizan bajo un enfoque ontológico, por esto se suma su definición a esta primera parte del capítulo.

De igual forma, se da continuidad con el estudio ontológico sobre los modelos económicos en diferentes contextos históricos, en esta sección se identifican los momentos de las escuelas económicas y sus más recientes aportes donde se evidencia la interdisciplinariedad. Asimismo, se avanza sobre la gestión administrativa, vista desde las fases que fundamentan el proceso administrativo: planificación, organización, dirección y control de los recursos de una organización para alcanzar sus objetivos de manera eficiente y eficaz (Robbins, 2005); sumado a las relaciones con los fundamentos funcionales que rigen en las organizaciones, las cuales se analizan desde las interacciones y evoluciones a lo largo de la historia. A su vez, se reconoce la organización y la empresa en el marco de la concepción de la administración.

2 FUNDAMENTOS ONTOLÓGICOS DE LAS CIENCIAS ECONÓMICAS

El estudio ontológico sobre las ciencias económicas y administrativas, permitió avanzar con análisis sobre interrogantes fundamentales vinculadas con la naturaleza de la economía, las organizaciones y la actividad empresarial. Ante lo expuesto, asociar la ontología en el macro de las ciencias económicas, permite analizar las entidades fundamentales y las estructuras que subyacen en el ámbito económico. Esto incluye entender los principales componentes que existen en la economía (como bienes, servicios, mercados, agentes económicos) y cómo estas entidades se relacionan entre ellas (Mäki, 2001).

Entre los principales agentes económicos, se destacan los bienes y servicios, las instituciones y mercados y finalmente el dinero y capital; para cada una de las entidades, se definen los conceptos en la teoría económica a saber: a) *agentes económicos*: reconocidos como consumidores, productores, trabajadores, empresas y gobiernos; b) *bienes y servicios*: definidos como tangibles e intangibles que satisfacen necesidades y deseos; c) *instituciones y mercados*: son estructuras y espacios donde se realizan intercambios económicos y d) *dinero y capital*: Actúan como medios de intercambio y acumulación de valor.

La naturaleza y propiedades que las definen, se fundamentan en tres conceptos que han significado temas de estudio en diferentes áreas de la economía, a saber:

- valor: considerados como valor de uso, valor de cambio y valor intrínseco.
- utilidad: correspondiente a la satisfacción o beneficio que los consumidores obtienen de los bienes y servicios. En el caso de los productores, se relaciona con la ganancia, el diferencial positivo existente entre el ingreso por ventas y el costo de producción de un bien o servicio.
- productividad: eficiencia con la que se utilizan los recursos para producir bienes y servicios.

Asimismo las relaciones y estructuras de las entidades en economía abarcan temas relevantes en el estudio de esta ciencia que reflejan la actividad del sistema económico día a día como son reconocidos en la actualidad: a) intercambio y comercio, mediante el cual, se definen cómo interactúan los agentes económicos, b) competencia y cooperación, comprende las dinámicas de interacción entre empresas y agentes; c) regulación y gobierno, mediante el cual, se determina el rol de las políticas y regulaciones en la economía.

Al identificar estas propiedades y las relaciones entre las entidades en economía, se observa que el enfoque ontológico, contribuye con la definición de los conceptos fundamentales asociados y su relación en el estudio de la teoría económica. Adicionalmente se consolida la base para el desarrollo de las teorías y modelos económicos que nos ayudan a explicar la realidad desde la teoría, permitiendo una mayor comprensión de los fenómenos económicos explicados con los modelos. Su aporte permea también la identificación, análisis y resolución de problemas económicos fundamentales diseñando también soluciones efectivas al entender la estructura y dinámica de los problemas.

Las relaciones y estructuras de las entidades en economía apoyan la interdisciplinariedad, dado que muestran una integración del conocimiento de diferentes disciplinas como la sociología, la psicología y la política, a su vez proporciona una visión más completa y holística de los fenómenos económicos. De igual forma, se promueve la colaboración académica al establecer un lenguaje común y un marco conceptual compartido entre diferentes campos de estudio. Un ejemplo de ontología en economía se encuentra en la obra de Adam Smith (1776), uno de los fundadores de la economía clásica. En su obra “La Riqueza de las Naciones”. A través de esta, se analizan elementos fundamentales como individuos, mercados y trabajo, según se especifican:

1. Elementos fundamentales identificados:
 - individuos: considerados como agentes económicos racionales que persiguen su propio interés.

- mercados: espacios donde se realizan intercambios de bienes y servicios.
 - trabajo: fuente primaria de valor de los bienes y servicios.
2. Características / propiedades de cada uno:
- interés propio: los individuos actúan según su interés propio, lo cual, paradójicamente, puede conducir al bienestar social.
 - mano invisible: metáfora que describe cómo la búsqueda del interés personal puede llevar a resultados beneficiosos para la sociedad en un mercado.
 - valor del trabajo: determina el valor de un bien de acuerdo con la cantidad de trabajo necesario para producirlo.
3. Relaciones y estructuras entre las entidades:
- intercambio y especialización: la especialización y la división del trabajo aumentan la productividad y la riqueza de las naciones.
 - competencia: la competencia entre productores lleva a la mejora de productos y a la fijación de precios justos.

La visión de la economía clásica permite identificar con claridad los aspectos básicos según Smith (1776) a la ciencia económica y reconocer el fundamento de lo que conocemos hoy al estudiarla.

3 LA ONTOLOGÍA EN EL MARCO DE LAS TEORÍAS ECONÓMICAS: VALOR, UTILIDAD Y PRODUCCIÓN

Desde el punto de vista ontológico, la evolución de las escuelas de pensamiento económico clásica, neoclásica y marxista, permiten analizar su práctica resaltando los elementos que mayor incidencia en el contexto de las organizaciones. Tal es el caso de la teoría del valor, la utilidad y producción, cuyos enfoques se describen:

- Valor: su consideración en economía surge desde la escuela clásica, siglo XVIII con Adam Smith. Se reconocen el *valor de uso* y *valor de cambio* definidos por la economía clásica y marxista: el *valor de uso*, se refiere a la utilidad que un bien proporciona al satisfacer una necesidad o deseo. Es una característica intrínseca del bien. Mientras que el *valor de cambio* es la cantidad de otros bienes o servicios que se pueden obtener a cambio de un bien. En la teoría clásica, Smith (1776) y más tarde en Marx (1847), el valor de cambio está relacionado con la cantidad de trabajo incorporado en el bien.

Adicionalmente existen teorías de valor asociadas a las escuelas de pensamiento, a saber la *teoría del valor trabajo* y la *teoría de valor subjetivo*. Sobre la *teoría del valor-trabajo* definida en la economía clásica. Los economistas Smith (s. XVIII) y David Ricardo (s. XIX) fundamentaron la teoría del valor-trabajo, que sostiene que el valor de un bien está determinado por la cantidad de trabajo necesario para producirlo. A su vez, Karl Marx (s. XIX) adoptó y expandió esta teoría, argumentando que el valor de los bienes en una economía capitalista está relacionado con el trabajo socialmente necesario para su producción.

Posteriormente la teoría del valor subjetivo de la escuela marginalista, desarrollada por economistas como Carl Menger, William Stanley Jevons y León Walras (a finales del siglo XIX e inicios del siglo XX), sostiene que el valor de un bien está determinado por su utilidad marginal, es decir, la satisfacción adicional que proporciona el consumo de una unidad adicional del bien. Este enfoque introduce una perspectiva subjetiva del valor (Menger y Ribons, 1871), basada en las preferencias individuales (Walras, 1874).

- Utilidad: especialmente en la teoría del consumidor y la toma de decisiones de los agentes económicos; se desarrolló durante los siglos XVIII y XIX. Está asociada a la ganancia, beneficio o satisfacción que pueden obtener los agentes económicos, bien sea totalmente o en forma adicional, es decir, marginal (Menger, 2020). En la escuela de pensamiento de la economía neoclásica a finales del siglo XIX, se reconocen diferentes formas de expresar satisfacción definiendo la *utilidad total* y *utilidad marginal*.

La *utilidad total* refiere a la satisfacción total que un individuo obtiene del consumo de una cierta cantidad de bienes y servicios. Y la *utilidad marginal* es la satisfacción adicional que un individuo obtiene al consumir una unidad adicional de un bien o servicio (Menger, 2020). Stanley (1871) detalla la *ley de la utilidad marginal decreciente* estableciendo a medida que una persona consume más unidades de un bien, la utilidad marginal de cada unidad adicional disminuye. La utilidad total puede representarse matemáticamente en una *función de utilidad*, pues en el análisis económico, es la forma de representar las preferencias de los consumidores asignando un valor numérico a cada posible combinación de bienes y servicios, reflejando el nivel de satisfacción asociado a cada combinación. Los consumidores buscan maximizar su utilidad, sujeto a sus restricciones presupuestarias (Menger, 2020).

- Producción: como la transformación de insumos en productos, esto es la creación de bienes y servicios a partir de recursos. Su estudio inició en la economía clásica con Ricardo (1817) y se formaliza matemáticamente a través

de la función de producción en la economía neoclásica (inicios siglo XX); según el rendimiento o resultado de esta función, se define la productividad de los factores productivos y se reconoce la existencia de economías a escala, gracias a los rendimientos que se generan al medir la productividad (Färe, R., 1988). La *función de producción* describe la relación entre los insumos utilizados en el proceso productivo (como trabajo, capital y materias primas) y la cantidad de output o producto final generado. Matemáticamente una forma común de representar la función de producción es: $Q = f(K, L)$ donde Q es la cantidad de output, K es el capital y L es el trabajo, por su representación en inglés (Färe, R., 1988).

Con respecto a la función de producción se encuentra la *productividad* asociada a cada uno de los factores, teniendo así: a) productividad del trabajo, considerada como la cantidad de output producido por unidad de trabajo. Aumentos en la productividad del trabajo pueden resultar de mejoras tecnológicas, educación y entrenamiento de la fuerza laboral y b) productividad del capital, responde a la cantidad de output producida por unidad de capital. Mejoras en la productividad del capital pueden resultar de innovaciones tecnológicas y mejoras en la eficiencia de los procesos productivos.

Un suceso resultante de la organización de la producción en economía es la aparición de las *economías de escala*, las cuales ocurren cuando el costo promedio de producción disminuye a medida que se incrementa la cantidad producida. Esto puede resultar de factores como la especialización del trabajo, el uso más eficiente del capital y la capacidad de negociar mejores términos con proveedores.

4 ANÁLISIS ONTOLÓGICO DE MODELOS ECONÓMICOS EN DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS

Bajo la línea de la ontología, se reafirma que la ciencia económica se ha desarrollado a lo largo de los siglos XIX y XX, cuyos aportes a los modelos económicos prevalecen en el siglo XXI. Importantes avances han prevalecido desde la esencia de las escuelas de pensamiento y bajo un predominio de la interdisciplinariedad que define nuevas escuelas de pensamiento y conceptos asociados a la realidad económica vigente. Como parte de los principales focos que desde el siglo XIX, han generado valor en las transformaciones de las sociedades se menciona la Revolución Industrial, que de forma directa aportó a la evolución de las economías agrarias hacia economías industriales.

La economía clásica, liderada por Adam Smith, David Ricardo y John Stuart Mill, proporcionó un marco teórico para entender la dinámica de los mercados en crecimiento

y el papel del libre comercio. Las políticas económicas se centraron en el *laissez-faire*, con mínima intervención estatal (Ricardo, 2004). Karl Marx (siglo XIX) desarrolló su teoría en respuesta a las desigualdades y la explotación laboral observada durante la Revolución Industrial. El marxismo ofreció una crítica radical al capitalismo, enfocándose en las relaciones de poder y la explotación inherente al sistema capitalista. Propuso la abolición de la propiedad privada y la creación de una sociedad sin clases como solución a estos problemas (Marx, 2018).

Para el siglo XX, se destaca la gran depresión de los años 1930, la cual conllevó a una reevaluación de las teorías económicas. El economista y expositor de la teoría macroeconómica Maynard Keynes (1936) quién argumentó que los mercados no siempre se autorregulan eficientemente y que el gobierno debe intervenir para estabilizar la economía. Su teoría influyó en las políticas económicas de la posguerra, promoviendo el pleno empleo y la estabilidad económica mediante el control de la demanda agregada. Sumado al enfoque, keynesiano a partir de la década de 1970, cuando surgió el neoliberalismo representado por economistas como Milton Friedman y Friedrich Hayek.

El mencionado enfoque, enfatiza la eficiencia de los mercados libres y la necesidad de reducir la intervención del gobierno en la economía. Las políticas neoliberales se implementaron ampliamente en la década de 1980, marcando un giro hacia la globalización y la liberalización económica que define las relaciones internacionales entre algunos países como los conocemos hoy. Sin embargo, la inclusión del comportamiento de los agentes, el reconocimiento de otros factores en la toma de decisiones ha generado en las últimas décadas, la economía del comportamiento que cuestiona la suposición de que los individuos siempre actúan racionalmente.

En función de ello, investigaciones de psicólogos como Daniel Kahneman y economistas como Richard Thaler han demostrado que los sesgos cognitivos y las emociones juegan un papel crucial en la toma de decisiones económicas (Thaler, 2009). Este enfoque ha influido en la formulación de políticas públicas mediante la aplicación de “nudges” para guiar comportamientos en beneficio social (Zárate, 2021). Al respecto, en los últimos años, no podemos dejar de lado todo lo que el desarrollo y avance tecnológico ha traído al mundo permeando también la teoría y sus aplicaciones desde los modelos a la vida real.

Entre los más relevantes, el avance de la tecnología digital la cual, ha transformado radicalmente la economía en el siglo XXI. La proliferación de Internet, dispositivos móviles y plataformas digitales ha dado lugar a nuevos modelos de negocio y ha cambiado la forma en que las empresas operan y los consumidores interactúan con los mercados. La

economía digital se centra en la conectividad, la innovación y la explotación de grandes volúmenes de datos para crear valor (Da Silva, 2021).

La capacidad de adopción de este recurso en la actualidad ha modificado las formas de desarrollar tareas e interactuar en diferentes espacios y mercados. Es importante resaltar que la base sobre la economía digital se fundamenta a partir de los diferentes modelos económicos que han sido promovidos en diferentes épocas por sus precursores. Ante lo expuesto se presentan los modelos económicos y su evolución entre los siglos XIX al XXI, evidenciando las entidades, propiedades y relaciones que han definido la teoría, explicado el sistema económico y enmarcado la globalización e interacción económica que hoy conocemos, ver Tabla 1.

Tabla 1: Modelos económicos y su evolución desde el siglo XIX al XXI.

Período Histórico	Modelo Económico	Actores / Elementos	Algunas Propiedades	Relaciones posibles
Siglo XIX	Economía Clásica	Individuos Mercado	Racionales Competencia perfecta, Rqulibrio de mercado	Intercambio voluntario, Ley de Say, Mano Invisible
Siglo XIX	Marxismo	Clases sociales, fuerzas productivas, Relaciones de producción	Explotación del trabajo, Valor excedente	Lucha de clases, modos de producción, acumulación de capital
Siglo XX	Keynesianismo	Agentes económicos, Mercados, Dinero	Demanda agregada, Propensión marginal al consumo, multiplicador del gasto	Intervención estatal, políticas fiscales y monetarias, estabilidad económica
Siglo XX	Neoliberalismo	Mercados globales, empresas multinacionales	Desregulación, Privatización, Libre comercio	Competencia global, liberalización de mercados, reducción de la intervención el estado
Siglo XXI	Economía del Comportamiento	Individuos con sesgos, instituciones, Mercados	Racionalidad limitada, Heurísticas, Influencias emocionales	Decisiones de consumo, política pública basada en “nudges”, interacción psicología-economía
Siglo XXI	Economía Digital	Plataformas digitales, Consumidores y Productores en línea, datos y algoritmos	Conectividad global, Innovación Tecnológica, Economía de la información	Comercio electrónico, economía colaborativa, monetización de datos

Nota: información compilada de capítulos anteriores de esta obra.

El análisis de los modelos económicos a lo largo de los siglos revela la evolución de las ideas y teorías económicas en respuesta a los contextos históricos y tecnológicos. Cada período histórico ha desarrollado modelos que reflejan las realidades y desafíos de su tiempo, desde la economía clásica y marxista del siglo XIX hasta la economía digital y del comportamiento del siglo XXI. Estos enfoques proporcionan un marco ontológico diverso para comprender la complejidad y dinamismo de la economía global.

5 ONTOLOGÍA DE LA ADMINISTRACIÓN: ENFOQUE DESDE SU GESTIÓN

La ontología administrativa hace referencia al estudio de las entidades fundamentales que existen en el ámbito de la administración y las relaciones entre ellas. Este enfoque identifica y categoriza los elementos básicos que componen las organizaciones y su funcionamiento, generando una base conceptual para entender cómo se estructura y opera la administración en diversos contextos.

Su importancia radica en la claridad conceptual, pues ayuda a definir los conceptos y categorías fundamentales en el campo de la administración, lo que facilita la comunicación y comprensión entre los actores involucrados. Adicionalmente proporciona un marco para organizar y estructurar el conocimiento administrativo, lo que permite desarrollar teorías coherentes y robustas. Al entender las entidades y relaciones fundamentales en la administración, los gerentes y administradores pueden tomar decisiones más informadas y eficaces, mejorando así la práctica administrativa en las organizaciones.

Profundizar desde la ontología el ejercicio práctico – profesional contribuye a comprender y gestionar los componentes fundamentales que determinan una organización. Su fin se direcciona hacia los estándares de eficacia, eficiencia y efectividad en el diseño estructural, procedimental y funcional de las organizaciones, ver Tabla 2.

Tabla 2. Relaciones entre elementos propiedades y funciones / relaciones.

Elemento	Propiedad	Funciones / Relaciones
Roles	Definición clara de responsabilidades, autoridad, competencias y expectativas.	Interacciones y dependencias entre roles, integración en equipos y retroalimentación continua.
Estructuras	Disposiciones formales de roles, con propiedades como jerarquía, división del trabajo, comunicación y control.	Departamentalización, formalización, centralización / descentralización.
Procesos	Secuencias de actividades diseñadas para transformar recursos en productos o servicios, con propiedades de secuencialidad, interdependencia, eficiencia y eficacia.	Planificación, organización, dirección y control, con relaciones de interdependencia y coordinación entre las diferentes actividades y funciones.

Los roles abarcan las entidades en diferentes puntos de la acción sobre el qué hacer administrativo. Un ejemplo de roles, se puede encontrar en el gerente quien es responsable de la planificación, organización, dirección y control de los recursos organizacionales. Por su parte el supervisor encargado de observar y controlar directamente el trabajo de otros empleados. El colaborador, es quien realiza tareas específicas para cumplir con los objetivos organizacionales, y el cliente entidad externa que consume productos o servicios de la organización (Koontz y Wehrich, 2010).

Como parte fundamental, prevalece la estructura, como uno de los elementos fundamentales también en la administración; pueden ser *jerárquica* donde se definen niveles claros de autoridad y responsabilidad. *Matricial* que combina estructuras funcionales y de proyecto, permitiendo colaboración transversal. En *red* conocida como una estructura flexible basada en la colaboración y alianzas entre quienes participan. Y *funcional* que es una agrupación de empleados por funciones o especialidades similares (Hall y Tolbert, 2009).

Lo relacionado con los procesos, se plantean como secuencias de actividades desarrolladas para la generación o transformación de recursos en productos o servicios finales. Entre los ejemplos, prevalece la planificación estratégica, que establece objetivos a largo plazo y determinación de estrategias para alcanzarlos. También en la gestión de proyectos que comprende la coordinación de recursos y tareas para completar proyectos específicos. El control de calidad encargado de la evaluación y aseguramiento de la calidad en productos o servicios. Y la gestión de recursos humanos que contempla procesos de reclutamiento, selección, capacitación y desarrollo de empleados (Hall y Tolbert, 2009).

En líneas generales la ontología administrativa proporciona un marco conceptual para entender las entidades o elementos fundamentales clave en la administración y sus interrelaciones. Los roles, las estructuras organizacionales y los procesos son componentes fundamentales que, al ser definidos y analizados ontológicamente, permiten una comprensión más profunda y una gestión más efectiva de las organizaciones. Este enfoque es esencial para desarrollar teorías y prácticas administrativas que sean coherentes, eficaces y adaptativas en un entorno dinámico.

Con respecto al desarrollo de la gestión administrativa, en el marco de los procesos que la determinan, se mencionan sus alcances desde la visión ontológica:

- **Planificación:** Es el proceso de establecer objetivos y determinar las estrategias y acciones necesarias para alcanzarlos. Entre sus componentes se encuentran los objetivos, estrategias, políticas y procedimientos. Interactúa con la influencia de factores internos y externos, alineada con la misión y visión organizacional.

- **Organización:** Es la disposición y coordinación de recursos y actividades para implementar los planes. Entre sus componentes están las estructuras organizacionales, roles, responsabilidades y recursos. Las interacciones que se identifican en la organización son: Comunicación y coordinación entre unidades, asignación de recursos, establecimiento de relaciones jerárquicas y funcionales.
- **Dirección:** La dirección se define como el proceso de guiar, motivar y supervisar a los empleados para alcanzar los objetivos organizacionales. Entre sus componentes se identifican el liderazgo, la motivación, comunicación y toma de decisiones. Y en su interacción se encuentra la influencia en el comportamiento y desempeño de los empleados, retroalimentación y resolución de conflictos, importante condición en la vida actual.
- **Control:** El control es el proceso de monitorear y evaluar el desempeño organizacional y tomar medidas correctivas cuando sea necesario. Sus componentes están enmarcados en estándares, medición del desempeño, análisis de desviaciones y acciones correctivas. Y las interacciones a su vez comprenden la comparación del desempeño real con los estándares, ajustes y mejoras continuas y el aseguramiento de la calidad.

Ante lo expuesto se presenta en Tabla 3 las relaciones comparativas sobre los referidos procesos resaltando la época y el enfoque teórico administrativo.

Tabla 3. Gestión administrativa un enfoque ontológico por teoría en el tiempo.

Época	Teoría	Definición	Componentes / Elementos	Interacciones
Siglo XIX	Administración Científica	Eficiencia y productividad mediante estandarización de tareas.	Planificación detallada, organización jerárquica, supervisión directa, control de tiempos y movimientos.	Relación planificación-control, roles supervisados, incentivos basados en productividad.
Principios Siglo XX	Teoría Clásica de la Administración	Principios generales de administración aplicables a toda organización.	Planificación estratégica, organización jerárquica y funcional, liderazgo, monitoreo y evaluación.	Comunicación vertical y horizontal, coordinación, delegación de autoridad, retroalimentación continua.
Principios Siglo XX	Burocracia	Estructura formal con reglas y procedimientos estandarizados.	Planificación y organización formalizadas, dirección impersonal, control mediante procedimientos.	Relaciones impersonales basadas en autoridad, adherencia a procedimientos, formalización de actividades.

Mitad Siglo XX	Teoría de Sistemas	Organización como sistema abierto interactuando con su entorno.	Planificación sistémica, organización integrada, dirección adaptativa, control mediante feedback.	Interdependencia de subsistemas, interacción con el entorno, flujo continuo de información, equilibrio dinámico.
Décadas de 1960-1970	Teoría de la Contingencia	La estructura y gestión dependen del entorno y otros factores contingentes.	Planificación contingente, organización flexible, dirección situacional, control ajustado a contingencias.	Dependencia de factores externos e internos, ajuste organizacional continuo, análisis de contingencias.
Mitad Siglo XX	Teoría del Comportamiento Organizacional	Comportamiento humano en las organizaciones y toma de decisiones.	Planificación basada en comportamiento, organización como sistema de decisiones, motivación y liderazgo, control mediante evaluación de comportamiento.	Interacción humana, toma de decisiones, incentivos y motivación, equilibrio entre objetivos individuales y organizacionales.
Finales Siglo XX-XXI	Economía Digital	Gestión en el contexto de tecnologías digitales y economía basada en la información.	Planificación estratégica digital, organización virtual, liderazgo digital, control mediante analítica y big data.	Conectividad global, flujo de información en tiempo real, adaptación rápida a cambios tecnológicos, interacción con entornos virtuales.

El contenido presentado, se evidencia como la planificación se expone como un proceso transversal asociado con todas las escuelas y puntos de partida para la efectividad de la gestión administrativa vista desde su evolución histórica. Se suma las interacciones que prevalecen en cuanto a la gestión humana hasta la conectividad global presente en el siglo XXI, también conocida como la economía digital.

6 ORGANIZACIÓN Y EMPRESA DESDE LA ONTOLOGÍA

Desde una perspectiva ontológica, una *organización* es una entidad socialmente construida que se compone de un conjunto estructurado de roles, normas, y relaciones que buscan alcanzar objetivos comunes a través de la coordinación y cooperación de sus miembros. La organización se centra en los elementos fundamentales que la componen y las relaciones entre ellos, así como en las propiedades esenciales de estos elementos y sus interacciones. Las referidas interacciones se afianzan mediante diferentes roles a través de los cuales se generan reportes jerárquicos, colaboración, supervisión y delegación en el trabajo.

Al referirnos a las relaciones y su interacción en las estructuras se encuentra la línea de mando, la comunicación en dos sentidos, vertical y horizontal en la estructura y la coordinación interdepartamental. Y teniendo en cuenta los procesos se encuentran la secuencia de actividades, los flujos de trabajo y también la interdependencia de tareas (Hall, 2009). Como tal, las mencionadas interacciones en la organización hacen parte fundamental de su definición, dado que conforma un elemento que permite el intercambio para desarrollar el qué hacer y cómo lograrlo en el entorno organizacional. En Tabla 4, se muestran las cuatro formas de interacciones organizacionales a saber comunicación, colaboración, toma de decisiones, liderazgo y motivación; acompañadas de sus formas, propiedades y relaciones.

Tabla 4. Perspectiva ontológica de las interacciones organizacionales.

Interacciones Organizacionales	Definición	Formas	Propiedades	Relaciones
Comunicación	Intercambio de información	Formal e informal	Claridad, rapidez, confidencialidad	Transmisión de instrucciones, coordinación de actividades, resolución de problemas
Colaboración	Trabajo conjunto para alcanzar objetivos	Equipos de trabajo, proyectos interdisciplinarios	Sinergia, cooperación, complementariedad	Distribución de tareas, interdependencia funcional, apoyo mutuo
Toma de Decisiones	Selección de una opción entre varias	Estratégicas, tácticas, operativas	Racionalidad, análisis, participación	Evaluación de alternativas, impacto organizacional, implementación
Liderazgo y Motivación	Influencia y guía hacia el logro de objetivos	Transformacional, autocrático, participativo	Carisma, autoridad, capacidad de inspirar	Influencia en desempeño, motivación de equipos, desarrollo de talento

La organización siendo parte fundamental de las ciencias económicas y administrativas, comprende componentes que llevan a definir roles, estructuras y procesos con un propósito establecido a su vez en las ciencias económicas. Adicionalmente comprende interacciones a través de la comunicación, colaboración, toma de decisiones y liderazgo, para funcionar y adaptarse al entorno, evidenciando la interacción y encuentro de las ciencias económicas y la administración en la práctica.

Desde la perspectiva empresarial, esta se concibe como una entidad económica y social que produce bienes y servicios para el mercado con el objetivo de obtener beneficios. Se compone de una estructura organizada de personas, recursos y procesos que interactúan para alcanzar objetivos empresariales específicos. Bajo un enfoque ontológico, se identifican y analizan los siguientes elementos fundamentales que la componen recursos humanos, capital, tecnología, conocimiento, infraestructura y clientes; y las interacciones entre ellas, reconociendo flujos de trabajo, comunicación, toma de decisiones e interacción con el entorno (Barney y Hesterly, 2015). Ver en Tabla 5, los aspectos conceptuales que determinaban la empresa y en Tabla 6 se muestran las interacciones de la empresa.

Tabla 5. Principales aspectos conceptuales de la empresa.

Elementos de la empresa	Definición	Propiedades	Relaciones
Recursos Humanos	Personas que aportan su trabajo, conocimiento y habilidades	Competencias, experiencia, motivación	Contratos laborales, jerarquías, equipos, redes informales
Capital	Recursos financieros utilizados en la operación de la empresa	Liquidez, rentabilidad, riesgo	Financiamiento, retorno de inversión, gestión financiera de los recursos
Tecnología	Herramientas y sistemas utilizados en la empresa para generar su producción o en su gestión	Innovación, eficiencia, capacidad	Adopción, mantenimiento, actualización, integración
Conocimiento	Información y habilidades especializadas para desarrollar su operación y participar en los mercados	Relevancia, actualización, aplicabilidad	Transferencia, capacitación, investigación y desarrollo
Infraestructura	Instalaciones y estructuras físicas donde se desempeña o desarrolla la empresa	Capacidad, ubicación, mantenimiento	Uso compartido, arrendamiento, expansión, mejora
Clientes	Personas o entidades que compran los productos o servicios de la empresa	Satisfacción, lealtad, segmentación	Marketing, ventas, servicio al cliente, fidelización

Tabla 6 Interacciones en las empresas desde una visión ontológica.

Interacciones en las empresas	Definición	Formas	Propiedades	Relaciones
Flujos de Trabajo	Secuencia de actividades para producir bienes y / o servicios	Producción, logística, cadena de suministro	Eficiencia, calidad, flexibilidad	Coordinación para trabajo entre los departamentos, gestión de recursos, control de calidad

Interacción con el Entorno	Relación de la empresa con el entorno externo	Marketing, relaciones públicas, actividades de regulación que deben cumplirse	Adaptabilidad, competitividad	Análisis de mercado, cumplimiento de normativas, colaboración con otras empresas
----------------------------	---	---	-------------------------------	--

Ante lo expuesto, se menciona la relevancia de los procesos de comunicación (Daft, 2015) y la toma de decisiones (March y Simon, 1993) como interacciones comunes en las empresas y en las organizaciones, contribuyendo al cumplimiento de objetivos y dinamizando su interacción al interior de la empresa y con el entorno.

De acuerdo con Draft (2015) la comunicación corresponde al intercambio de información entre las distintas partes de la empresa, se produce entre otros con reuniones, informes o incluso a través de medios electrónicos en virtud de las actividades digitales que nos rodean en el desarrollo de la vida actual. Esta comunicación se lleva a cabo con claridad, rapidez, precisión y confidencialidad si se requiere, porque busca ser facilitadora en la transmisión de información, coordinación de actividades y participar en la solución de problemas.

En referencia a la toma de decisiones (March y Simon,1993) definen como un proceso de seleccionar la mejor opción entre varias alternativas para guiar las acciones de la empresa. Estas decisiones son estratégicas, tácticas y operativas, permiten la participación de diferentes actores generando evaluaciones de alternativas, que impacten en la empresa o que lleven a considerar implementar nuevos aspectos o procesos considerados.

7 CONCLUSIÓN

Este capítulo ha explorado sobre los principales aspectos que determinan la economía y la administración como ciencia desde una perspectiva ontológica, proporcionando una comprensión sobre la configuración y operación de los elementos fundamentales y procesos económicos y administrativos. Con su desarrollo se ha evidenciado la importancia de comprender la naturaleza y el funcionamiento de las organizaciones y empresas en el contexto económico actual.

La ontología en economía es esencial para una comprensión precisa de los fenómenos económicos. Al analizar las entidades identificadas como elementos de estudio y estructuras fundamentales de la economía, se proporciona una base sólida para el desarrollo teórico y la resolución de problemas prácticos, como los que enfrentan los mercados ante cambios en la demanda, impactos por impuestos e

incluso fenómenos macroeconómicos como el desempleo y la inflación. Este enfoque no solo mejora la claridad conceptual y la consistencia teórica, sino que también facilita la interdisciplinariedad y la colaboración académica, enriqueciendo así el campo de la economía y su capacidad para abordar desafíos complejos.

Desde la administración, lo relacionado con la organización permite comprender sus componentes fundamentales y sus interacciones. Al descomponer la organización en roles, estructuras y procesos, y analizar sus interacciones a través de la comunicación, colaboración, toma de decisiones y liderazgo, se obtiene una visión integral y detallada de cómo las organizaciones funcionan se interrelacionan y se adaptan a su entorno. A su vez se aborda la definición de organizaciones y empresas, se identifican sus aspectos comunes que apoyan la base para desarrollar teorías administrativas y prácticas de gestión más efectivas y adecuadas a las necesidades cambiantes de las organizaciones y empresas modernas inmersas en un entorno con actividades cada vez más digitalizadas.

REFERENCIAS

- Acemoglu, D., Laibson, D., y List, J. (2019). *Economía*. Antoni Bosch Editor.
- Barnard, C. I. (1938). *Las funciones del ejecutivo*. Harvard University Press.
- Barney, J. B., y Hesterly, W. S. (2015). *Strategic Management and Competitive Advantage: Concepts and Cases*. Pearson.
- Blanchard, O., Amighini, A., y Giavazzi, F. (2012). *Macroeconomía*. Pearson.
- Blaug, M. (1992). *The Methodology of Economics: Or, How Economists Explain*. Cambridge University Press.
- Da Silva, Nuñez. (2021). *La era de las plataformas digitales y el desarrollo de los mercados de datos en un contexto de libre competencia*. CEPAL.
- Draft, R.L. (2015). *Organization Theory and Design*. Cengage Learning.
- Drucker, P. F. (1993). *Post-Capitalist Society*. HarperBusiness.
- Färe, R. (1988). *Fundamentals of Production Theory*. Springer Berlin, Heidelberg. DOI: 10.1007/978-3-642-51722-8.
- Fayol, H. (1979). *Administración industrial y general*. Dunod et Pinat.
- Hall, Richard y Tolbert, Pamela. (2009). *Organizations: Structures, Processes, and Outcomes*. ISBN: 9780132448406.
- Koontz, Harold. Wehrich, Heinz. (2010). *Essentials of Management*. ISBN: 9780070144958.
- Lawrence, P. R., & Lorsch, J. W. (1967). *Organization and Environment: Managing Differentiation and Integration*. Harvard Business School Press.

Mäki, U. (2001). *The Economic World View: Studies in the Ontology of Economics*. Cambridge University Press. DOI: 10.1080/1350178042000178021.

March, J. G., & Simon, H. A. (1993). *Organizations*. Wiley-Blackwell.

Marx, K. (2018). *El Capital: Crítica de la economía política*. Ediciones Akal.

Menger, C. (2020). *Principios de Economía y Política*. Unión Editorial 2020.

North, D. C. (1990). *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*. Cambridge University Press.

Posada-Ramírez, Jorge. (2014). *Ontología y Lenguaje de la Realidad Social*. Cinta de moebio, (50), 70-79. <https://dx.doi.org/10.4067/S0717-554X2014000200003>

Ricardo, D. (2004). *On the Principles of Political Economy and Taxation*. Dover Publications.

Robbins, S. P., y Coulter, M. (2005). *Administración*. Pearson educación.

Salas, Marilis. (2021). *Diferencia entre ontología y epistemología*. Scribd URL: <https://es.scribd.com/document/516605145/Diferencia-entre-Ontologia-y-Epistemologia>.

Simon, H. A. (1997). *Administrative Behavior: A Study of Decision-Making Processes in Administrative Organization*. Free Press.

Smith, A. (2016). *Una investigación sobre la naturaleza y causas de la riqueza de las naciones*. Traducción de Carlos Rodríguez Braun. Ediciones Akal.

Thaler, R., y Sunstein, C. (2009). *Nudge. Improving decisions about health, wealth and happiness*. New York, United States of America: Penguin Group.

Taylor, F. W. (1911). *The Principles of Scientific Management*. Harper & Brothers.

Weber, M. (1947). *The Theory of Social and Economic Organization*. The Free Press.

Williamson, O. E. (1985). *The Economic Institutions of Capitalism: Firms, Markets, Relational Contracting*. Free Press.

Zárate Acosta, Lina. (2021) *Manipulation or motivation? A brief reflection on the use of nudges*. *Papel Político*, 16(2), 136-147.

Prompt de consulta a ChatGPT sobre el esquema del capítulo "Ciencias económicas y la administración: una mirada ontológica". Teniendo en cuenta la epistemología de la economía y administración y las siguientes palabras claves: ciencias económicas; administración; ontología administrativa; gestión administrativa; organización – empresa. Puedes definir el contenido de un capítulo titulado ciencias económicas y la administración: una mirada ontológica.

SOBRE LOS AUTORES

ANA JUDITH PAREDES – CHACÍN

Doctora en Ciencias Gerenciales. Phd. Gerencia de las Organizaciones. Mg. En Gerencia de Empresas. Licenciada en Letras. (Venezuela). Docente e Investigadora. Coordinadora de Investigación. Responsable de la línea de investigación Gestión de la sostenibilidad organizacional (GIECAD). Líneas complementarias: Gestión del Conocimiento; Innovación-Emprendimiento, Comportamiento de las Mipyme y Gestión de la Educación Superior. Universidad Autónoma Occidente-(Colombia). Investigadora Asociada acreditada por MINCIENCIAS-Colombia. <https://orcid.org/0000-0001-6612-8486>

CARLOS IGNACIO CHAVEZ – UBILLUS

Magister en Economía de la Universidad Autónoma de Occidente., Especialista en Evaluación Social de Proyectos de la Universidad de los Andes, Economista de la Universidad del Valle. Profesor de las universidades Javeriana de Cali, ICESI y de la Universidad Autónoma de Occidente. <https://orcid.org/0009-0002-2973-9047>

JOSÉ OLIVAR MOSQUERA – MOSQUERA

Doctorante en el Programa de Sostenibilidad Universidad Autónoma de Occidente. Magíster en Gestión Empresarial. Docente e Investigador en líneas de: Líneas de investigación: gestión contable, hacienda pública, y control, sostenibilidad, finanzas públicas y turismo. Universidad Autónoma de Occidente-Colombia. Ejercicio profesional en dirección y gestión académico administrativa, liderazgo y ejecución de planes y proyectos. <https://orcid.org/0000-0002-0408-9140>

MARÍA CAROLINA ROZO CHAVES

Magíster en economía. Profesional en Economía. Docente Universidad Autónoma de Occidente. Ejercicio administrativo en programas académicos en la educación superior. <https://orcid.org/0009-0008-6963-1237>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administración 1, 2, 3, 5, 6, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 39, 40, 45, 46, 47, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 62

Agentes económicos 5, 8, 9, 11, 14, 46, 47, 48, 50, 53

C

Ciencias administrativas 4, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 41

Ciencias económicas 1, 2, 3, 5, 6, 15, 45, 46, 47, 58, 62

Contabilidad 3, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44

D

Disciplina contable 3, 31, 32, 34, 37, 39, 40

Disciplinas de la administración 45

E

Economía del comportamiento 5, 10, 15, 52, 53

Empresa 5, 7, 8, 13, 14, 15, 19, 33, 34, 35, 39, 40, 45, 46, 47, 57, 59, 60, 62

Empresario 5, 13, 14, 15, 16

Enseñanza-aprendizaje de la administración 17

Epistemología 1, 4, 6, 15, 16, 17, 18, 20, 24, 27, 28, 29, 31, 36, 62

Escuelas del pensamiento contable 31

G

Gestión organizacional 3, 17, 24, 26, 27

M

Método científico 5, 15, 39

O

Ontología administrativa 45, 54, 55, 62

Organización 2, 5, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 30, 38, 45, 46, 47, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62

T

Teoría contable 31, 37, 44

Teoría del valor 5, 7, 11, 15, 49, 50

Teoría microeconómica 5, 9